# A LIAHONA

OUTUBRO 1969

MONUMENTO AO BATALHÃO MÓRMON

página 9

# Mensagem de Inspiração

**Pres. David O. McKay**

Esta é uma época em que os homens deveriam voltar seus pensamentos aos ensinamentos de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador, e em maior número do que jamais o mundo presenciou, por êles pautarem suas atitudes e ações. A menos que multidões de homens e mulheres transformem assim seus corações e vidas, o mundo continuará tumultuado e nossa atual civilização ameaçada de desintegração.

É deplorável que o coração dos homens esteja apartado de Deus de maneira por demais generalizada. A fôrça motivadora na vida da maior parte das pessoas é a auto-promoção e não a glorificação de Deus. A irreverência é por demais manifesta.

O mundo necessita de mais santidade e menos ateismo; mais auto-disciplina, menos auto-complacência; mais fôrça de dizer como Cristo: "Pai... não se faça a minha vontade, e, sim, a tua." (Lucas 22:42) Cristo veio para trazer a paz. A rejeição de seu modo de vida têm produzido desenfreadas lutas e contendas. Foi o homem, e não o Senhor, que tem provocado os conflitos mortais e consequentes misérias. As guerras nascem por culpa da iniqüidade dos líderes ímpios. E sòmente quando triunfar a liberdade e se obtiver uma paz justa poderemos esperar o fim das guerras e que impere entre os homens a boa vontade.

## Neste Número


**Mensagem de Inspiração.** Pres. David O. McKay 2
**Cabe a Nós.** Pres. David O. McKay 3
**A Caminho de Carthage, e da Morte.** LeGrand L. Baker 5
**O Monumento ao Batalhão Mórmon...** Richard J. Marshall 9
**Meu Código de Conduta para com Meu Filho.** David S. Hess 11
**Amarás ao Senhor teu Deus.** Henry D. Taylor 12
**O Poder do Exemplo.** Delbert L. Stapley 14
**Página das Crianças.** 17
**Associados pela Graça.** Lowell L. Bennion 21
**Idéias e Indivíduos.** Jean T. Kunz 22
**...Sôbre a Feminilidade.** Albert L. Payne 25
**O Que Devo Fazer?** Afton W. Hunt 27
**Uma Cara Lição.** Gary E. Baugh 28
**Tão Poucos Ousam!** Lynda S. Roper 29
**Conselho ou Mandamento.** Dr. Lloyd R. Hicken 31
**O Preço das Lições...** Richard L. Evans 32


## Capa

Para os homens do Batalhão Mórmon, a longa marcha de 3.200 km — freqüentemente chamada uma das mais longas marchas da história militar — foi tanto uma missão em prol da sua Igreja como aventura pioneira-militar pela pátria. Um monumento recentemente terminado pelo escultor Edward Fraughton de Salt Lake City rende honras a êsse Batalhão.


**Vol. 22 - Outubro de 1969 - Número 10**

# A LIAHONA

**Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias**

**Editor**
Hélio da Rocha Camargo

**Redator**
F. Máximo

**Centro Editorial Brasileiro**
R. São Tomé, 520 — V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

**Estaca São Paulo**
R. Iguatemí, 1980, São Paulo, SP

**Estaca São Paulo Leste**
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

**Missão Brasileira**
R. Henrique Monteiro, 215, CP 862
São Paulo, SP — Tel. 80-4638

**Missão Brasileira do Sul**
R. Dr. Flôres, 105, 14.º — CP 1513
Pôrto Alegre, RGS
Tel. 24-9748

**Missão Brasileira do Norte**
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

**Missão de Construção**
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 33-6761

**A LIAHONA** — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguêsa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e periódicos, conf. o Dec. 4857 de 9-11-1930.

Composto pela Linotipadora João A. Godoy, R. Abolição, 263. Impresso por Litográfica Comercial, R. Independência, 213, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "Unified Magazine".

**Subscrições:** Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: NCr$ 6,00; para o Exterior simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: NCr$ 0,60; exemplar atrasado: NCr$ 0,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.

# Cabe a Nós

**Pres. David O. McKay**

Existe um sentimento natural que impele homens e mulheres para a verdade. A busca da verdade é uma responsabilidade imposta à humanidade. Mas tal responsabilidade cabe em maior grau aos santos dos últimos dias do que aos demais, pois êles conhecem a verdade de que o Evangelho eterno foi restaurado. Os jovens que vivem segundo os padrões do Evangelho têm sentimentos nobres; protegem a feminilidade em vez de degradá-la. Êles não causam pesar às môças, porque as respeitam e procuram dar-lhes felicidade em vez de tristeza. Na comunidade são dignos de confiança quando chamados para exercer algum cargo. Não se apossarão de qualquer coisa que não lhes pertença nem usurparão o direito alheio.

**Nós o temos na Alma**

Creio que todos nós devemos cumprir com nossas responsabilidades, não apenas porque os outros assim

o exigem, mas por ser o certo e porque nossa alma nos induz a fazê-lo.

Deveríamos ser influenciados a desempenhar nossas responsabilidades pessoais como alegadamente o fêz um grupo de marinheiros há muitos anos.

Aconteceu durante as agitações anti-escravagistas, quando se realizaria uma reunião no Faneuil Hall em Boston. Parece que os marinheiros haviam sido contratados para impedí-la. Êles lá apareceram em grupo e se puseram a dançar pelo salão, cantando e gritando, procurando de tôdas as maneiras que os oradores se fizessem ouvir. Todos os apêlos foram vãos — seu amor pela liberdade, a memória do velho lar, a honra de Massachusetts foram invocados; mas êles continuaram os distúrbios recusando-se a fazer silêncio.

Sùbitamente certo homem, evidentemente um dêles, levantou-se. Momentâneamente silenciados por sua aparição e julgando terem encontrado um paladino, a turba se aquietou. O homem disse: "Rapazes, eu não faria silêncio a não ser que o desejasse." Encorajada por tais palavras a turba prorrompeu em aplausos durante alguns minutos. Quando êste cessou pelo fato de pretenderem ouvir mais, aquêle homem prosseguiu: "Não, ninguém conseguiria fazer-me calar contra a minha vontade, mas se fôsse vocês, **calar-me-ia, não por respeito a êste recinto, nem pela honra de Massachusetts ou lealdade ao govêrno, mas porque vocês são homens; e os homens honrados sempre defendem a causa da liberdade, do direito, da justiça e da palavra." Com isso a turba silenciou — foram tocados em seu senso de hombridade!** Devemos estar determinados a assumir nossas responsabilidades não pela pressão de terceiros, mas porque ìntimamente o desejamos.

**Trilhar o Caminho Estreito**

Quando a consciência me diz ser correto proceder segundo certa norma, ao não ouví-la não estarei sendo fiél a mim mesmo. Oh, eu sei que somos desviados por nossas fraquezas e pelas influências externas; contudo, **a nós cabe a responsabilidade de trilhar o caminho reto e estreito no desempenho de todos os deveres!**

Cada vez que tivermos a oportunidade e falharmos em viver à altura desta verdade que está em nós; **cada vez que deixarmos de expressar um bom pensamento; cada vez que falharmos em praticar um ato bom, estaremos enfraquecendo a nós próprios, tornando mais difícil expressar aquêle pensamento ou executar aquela ação no futuro. Cada vez que fizermos um ato bom, cada vez que expressarmos um sentimento nobre, tornaremos mais fácil repetí-lo futuramente.**

Deus nos abençoou com o conhecimento da verdade; mas, tal conhecimento não basta a não ser que seja expresso, a não ser que seja transmitido a outros. A responsabilidade de proclamar o Evangelho e levar felicidade ao mundo cabe a todos os membros da Igreja! Se todos os membros fôssem missionários, levando esta mensagem de felicidade aos seus semelhantes, como seria maravilhoso nosso sistema missionário, e que gloriosas verdades poderíamos transmitir aos outros!

**Suprema Dedicação**

Há dois aspectos principais que acompanham essa responsabilidade. Primeiro: apêgo pessoal aos padrões da Igreja. Sempre existirá oportunidade para dar um exemplo.

Não poderemos ser, sem dúvida, representantes da Verdade se não respeitarmos os padrões da Igreja. Isto é uma afirmação tão simples que não necessita ser explicada. Se houver representante comercial que desrespeite os padrões da firma, mesmo que tente efetivamente representar a mercadoria que ela tem a oferecer, certamente não será mantido por muito tempo como representante. Fico a imaginar se o Senhor nos guardará se não mantivermos os padrões do Evangelho dêle — isto é, levarmos uma vida pura, o que implica numa grande responsabilidade.

A segunda e maior responsabilidade é colocarmos o dever acima de todos os demais interêsses. Nosso amor a Deus deve ser supremo; deveríamos dedicar nosso supremo amor e devoção a Cristo e à Verdade. Isto não significa que havemos de negligenciar nossa espôsa, nossa família, nossa mãe. Temos o exemplo de Cristo; êle não o fêz. Sabemos que na cruz seu derradeiro pensamento referiu-se à mãe, pois disse: "Mulher, eis aí teu filho! Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe! Dessa hora em diante o discípulo a tomou para casa." (João 19:26,27) Êste é o exemplo!

O pecado tem de ser eliminado da alma humana. **Podem vocês, meus irmãos, irmãs e amigos, mostrar-me outra maneira qualquer de conseguir essa erradicação a não ser através do Evangelho de Jesus Cristo. Eu sei que não existe outra maneira!** Esta responsabilidade é colocada sôbre todo homem, tôda mulher, todo rapaz e môça desta Igreja. Não se deixem desencorajar se não forem chamados a liderar — sempre haverá trabalho a fazer: "Portanto que agora todo homem aprenda o seu dever" e aja com tôda diligência no cumprimento dêste. Seja qual fôr, executem-no bem e obterão a felicidade e as bênçãos do Senhor. (Vide Doutrina e Convênios 107:99)

# A Caminho de Carthage e da Morte

**LeGrand L. Baker**

Um ano e meio antes da sua morte, Joseph Smith proferiu um discurso público no qual declarou:

"Sei o que digo; compreendo minha missão e ofício. O Deus Todo-Poderoso é meu escudo; e o que poderá o homem fazer se Deus é meu amigo? Não serei sacrificado até que chegue a hora; então serei entregue livremente."

Uns poucos meses depois êle o declarou de forma ainda mais clara: "... profetizo que nunca terão o poder de **matar-me** até que minha obra esteja terminada e **eu esteja pronto para morrer."**

É difícil estabelecer o momento exato em que Joseph Smith soube que sua missão culminaria no selamento de seu testemunho com o próprio sangue, mas talvez já o soubesse — e concordasse — antes de completar a tradução do Livro de Mórmon. (D&C 5:22) Seu relato da primeira visita de Moroni não explica se lhe foram contadas tôdas as implicações do fato de seu nome ser conhecido por bem ou **por mal,** nem seu diário indica que parou e meditou ao traduzir aquela parte do Livro de Mórmon na qual é profèticamente chamado pelo nome: "... e aquêles que procurarem destruí-lo serão confundidos." (2 Néfi 3:14)

Certamente não tinha dúvida alguma de que certas pessoas "procurariam destruí-lo". O relato escrito por sua mãe nos conta sôbre muitos que pretendiam tirar-lhe a vida e seu próprio diário está repleto de narrativas de atentados assassinos de que foi vítima.

Certa ocasião, numa noite no rigor do inverno, Joseph tomou um carroção e fugiu de Kirtland, Ohio, sendo perseguidos, êle e os companheiros, por uma turba que pretendia assassiná-los.

"O frio era muito rigoroso e algumas vêzes fomos obrigados a escondermo-nos nos carroções a fim de iludir nossos perseguidores que nos seguiram por mais de 300 quilômetros, armados com pistolas e carabinas. Frequentemente cruzaram nosso caminho e por duas vêzes estiveram nas casas em que paramos; certa vez, tivemos que ficar a noite inteira na mesma casa, separados dêles apenas por um tabique, ouvindo suas imprecações, blasfêmias e ameaças a nós quando nos conseguissem agarrar; tarde da noite penetraram no nosso quarto e nos examinaram, mas acabaram decidindo que não éramos as pessoas que buscavam. Em outras ocasiões encontramo-los na rua, encarando-nos mùtuamente sem que nos reconhecessem."

Afinal a turba perdeu a esperança de encontrar o Profeta e retornou a Kirtland. Joseph Smith dirigiu-se ao Estado de Missouri.

Menos de ano mais tarde o Profeta teve de enfrentar outra turba em cujas mãos caiu por traiçoeira denúncia. Aquela "turbilícia"* realizou uma côrte marcial ilegal e o setenciou a ser fuzilado na manhã seguinte. Na hora aprazada a execução foi adiada; o Profeta e seus amigos não precisaram enfrentar o pelotão executor. Embora não lhes tirasse a vida, a turba reservou-se a diversão de arrastar os mórmons de prisão em prisão para que pudessem ser ridicularizados, exibidos e insultados. Joseph Smith e seus companheiros foram obrigados a suportar êsse lúgubre pesadelo na prisão de Liberty durante todo o inverno antes que lhes fôsse permitido escapar.

(*) No original, um trocadilho entre turba e milícia.

Os atentados se repetiram, sendo alguns insuflados por membros e ex-membros rancorosos. Consta que numa dessas ocasiões um jovem que trabalhava para William Law e cuja obrigação era manter em ordem sua arma, ouvindo que êste planejava assassinar o Profeta, "vestiu-se e correu até a casa dêle para contar-lhe tudo o que vira e soubera, perguntando-lhe o que devia fazer. Joseph Smith respondeu-lhe que deveria obedecer as ordens de seu amo, admoestando-o a carregar a arma cuidadosamente. Disse-lhe que ninguém conseguiria atingí-lo até que tivesse chegado sua hora. O rapaz obedeceu. Na manhã seguinte William Law ordenou-lhe limpar, lubrificar e carregar seu revólver, o que o jovem cumpriu cuidadosamente conforme o aconselhara o Profeta. No momento oportuno, Law alvejou Joseph Smith com a intenção de matá-lo; apertou o gatilho, mas a arma falhou, o mesmo acontecendo com os cinco tiros restantes. Começou a praguejar, acusando o rapaz de não ter carregado devidamente o revólver. Êste replicou que o fizera com todo o cuidado. Law então alvejou um poste e nenhum dos tiros falhou."

Não havia chegado a hora de Joseph Smith.

Mas a impressão do que estava para acontecer pesava sôbre o Profeta e êle começou a preparar-se para eventualidade.

Uma das mais importantes questões a resolver era a da liderança: quem deveria assumir a responsabilidade de dirigir a Igreja após a morte dêle. Como presidente-assistente da Igreja, tal direito caberia a Hyrum Smith, pois naquela posição (que anteriormente fôra ocupada por Oliver Cowdery) êle retinha juntamente com seu irmão Joseph tôdas as chaves e poderes da presidência. De acôrdo com êsse direito, o Profeta havia "ordenado" Hyrum Smith a sucedê-lo como Presidente da Igreja. Posteriormente Joseph Smith pediu ao irmão que deixasse Nauvoo com a família até que o perigo houvesse passado. Mas o presidente-assistente estava cônscio de que parte da sua responsabilidade era selar seu testemunho juntamente com o do Profeta. Evidentemente, pôde escolher entre dois caminhos: tornar-se o sucessor do irmão como Presidente da Igreja, ou então acompanhá-lo a Carthage, tornando assim seu testemunho tão patente ao mundo como o dêle, selando-o com o próprio sangue. Decidiu-se pelo segundo. O Conselho dos Doze Apóstolos tornou-se o sucessor natural.

"Meses antes da sua morte" Joseph Smith já estava "plenamente cônscio" de que os Doze assumiriam a liderança da Igreja. A fim de prepará-los para essa liderança, "postou-se diante dêles dia após dia, revestido com o espírito e o poder de Deus, instruindo-os quanto aos oráculos de Deus, ao plano das coisas celestiais, às chaves do reino, ao poder do Sacerdócio e no conhecimento da última dispensação na plenitude dos tempos."

**O cárcere de Carthage, cena do trágico acontecimento de 1844.**

Não sòmente os Doze necessitavam dos seus ensinamentos, mas também a Igreja, como um todo, precisava ser instruída antes de as chaves serem transferidas de Joseph aos apóstolos. Meses antes da sua morte, por exemplo, o Profeta evidentemente percebeu que a Igreja iria transferir-se para o oeste. O Profeta desejava que os membros compreendessem que essa mudança planejada fazia parte do plano, não sendo uma inovação inconsistente inventada por Brigham Young e seus companheiros.

Por isso, o Profeta não perdia ocasião em preparar os membros para êsse passo. Organizou uma expedição para explorar o oeste e encontrar um local conveniente onde os santos pudessem se estabelecer. Contudo, em vez de enviar seus componentes em expedições exploradoras, fê-los permanecer em Nauvoo, reunindo-se regularmente a fim de fazer um estudo meticuloso de tudo o que se sabia acêrca da região das Montanhas Rochosas. Desenhou também um mapa da eventual rota que os santos poderiam seguir em sua marcha para o oeste. Consta que cópias dêsse mapa foram utilizados por Brigham Young e pelos componentes do Batalhão Mórmon.

Além disso o Profeta organizou o sistema político pelo qual os membros da Igreja poderiam alí ser governados. Naquele tempo, a região da Grande Bacia era reivindicada pelo México, não estando assim sujeita à jurisdição política dos Estados Unidos. A organização que estabeleceu e da qual participava o Conselho dos Doze, era chamada Conselho dos Cinquenta que servia como instrumento governamental encarregado de dirigir a migração para o oeste e o estabelecimento das colônias de membros da Igreja.

Depois de ter organizado a Igreja de forma a que pudesse funcionar adequadamente sem a sua direção ou a de Hyrum Smith, Joseph Smith convocou uma reunião de todos os líderes para dar-lhes as últimas instruções. Wilford Woodruff e Benjamin F. Johnson descreveram essa reunião da seguinte forma:

"O último discurso de Joseph Smith ao quórum dos Apóstolos foi proferido num edifício em Nauvoo, e o foi de maneira tal como nunca antes ou depois ouvi outro igual proferido por um mortal. Estava êle revestido com o Espírito e o poder de Deus. Sua face apresentava-se clara como o âmbar, o recinto tomado como que por uma chama consumidora. Ficou de pé durante três horas. Disse-nos: "Vós, Apóstolos do Cordeiro de Deus, fôstes escolhidos para realizar os propósitos do Senhor na terra. Agora, eu, como Profeta, vidente e revelador, estando à cabeça desta dispensação, recebí tôdas as chaves, tôdas as ordenanças, todos os princípios e todo o Sacerdócio pertencentes à última dispensação e plenitude dos tempos. E selei tôdas essas coisas sôbre vossas cabeças."

"E em nome do Senhor, agora retiro de cima dos meus ombros a responsabilidade de levar o Reino de Deus a todo o mundo, colocando, neste momento, essa responsabilidade, com tôdas as chaves, poderes e privilégios a ela pertencentes, sôbre os vossos ombros, os Doze Apóstolos..."

Agora, quanto ao que concernia à restauração do Evangelho e ao estabelecimento da Igreja, o Profeta aparentemente havia completado tudo o que lhe cabia fazer, exceto selar seu testemunho — e para isto estava preparado.

Torna-se difícil imaginar como Joseph Smith deveria sentir-se então. Êle o sabia e mais tarde disse "que tinha que morrer". Desejava permanecer com os amigos, embora ansiasse pelo descanso. Benjamin F. Johnson contou que pouco antes da morte do Profeta, este veio à sua casa e "com um longo e profundo suspiro, como que em sinal de cansaço, deixou-se cair pesadamente na cadeira e disse: 'Oh! Estou ficando tão cansado e abatido que às vêzes chego a ansiar pelo meu descanso;' e depois relatou resumidamente algumas das passagens mais emocionantes do seu trabalho, padecimentos e sacrifícios, acrescentando: 'Estou ficando exausto e gostaria poder ir para meu descanso.' Suas palavras e tom me emocionaram e chocaram, e como uma seta despedaçaram minha esperança de que ficaria conosco por longo tempo, e respondi com o coração em prantos: 'Óh, Joseph, o que nosso povo poderia fazer sem ti, e o que seria da grande obra dos últimos dias se nos deixares?' Êle sentiu-se tocado por minha emoção e replicou: 'Benjamin, eu não estaria longe de vós, e, ainda que do outro lado do véu, continuaria a trabalhar convosco, com um poder muito maior, para levar avante êste reino.'"

Entrementes, a conspiração contra a vida do Profeta amadurecera. Cêrca de duzentos dos inimigos dêle haviam-se organizado num bando secreto jurando dedicar sua vida, liberdade, influência e tudo o mais "à destruição de Joseph Smith e seus seguidores."

O Profeta foi mantido a par dessa conspiração pelos amigos, mas aparentemente já habia antes de agirem o que iriam fazer. A fim de favorecer seu objetivo, fundaram um jornal, o **Nauvoo Expositor.** No primeiro número, que procurou "desmascarar" o Profeta, os conspiradores combinaram trechos deturpados de algumas revelações com estórias forjadas incrivelmente sujas e obscenas. A câmara municipal, sob o prefeito Joseph Smith, considerou o jornal um transtôrno público e mandaram destruir o prelo. Isto fêz com que os conspiradores alegassem que seu direito constitucional de liberdade de imprensa fôra violado. Alertaram a população do Estado e seu governador quanto aos crimes de Joseph Smith e uma turba começou a se juntar sob o nome de "milícia estadual" a fim de atacar a cidade de Nauvoo.

A 22 de junho de 1844 Joseph Smith fêz a última anotação em seu diário:

"Afirmei a Stephen Markham que se Hyrum e eu fôssemos presos mais uma vez, seríamos massacrados, ou então eu não seria um profeta de Deus. Eu queria que Hyrum vivesse para vingar meu sangue, mas êle está decidido a não me deixar."

O Profeta evidentemente tinha certeza de que seria "novamente apanhado", mas também sabia que de certa forma a situação estava sob o seu contrôle e que êle, não a ralé, determinaria quando e como seria apanhado.

Êle já havia tomado várias providências necessárias como requisitos prévios para sua morte. Dois dias antes de escrever a nota final em seu diário, escreveu aos Doze Apóstolos a quem anteriormente enviara ao leste em missão política, instruindo-os a retornarem imediatamente a Nauvoo.

A primordial preocupação do Profeta era manter o populacho longe de Nauvoo. Quando recebeu a notícia de que uma tropa dêles estava se aproximando da cidade, anunciou que êle e seu irmão Hyrum cruzariam o rio Mississippi em direção ao oeste. Asseverou aos amigos que quando a turba descobrisse que fôra embora, saíriam da cidade sem depredá-la. Assim Joseph e Hyrum atravessaram o rio; e como lhes prometera, quando seus perseguidores chegaram à cidade na manhã seguinte e descobriram que o Profeta se fôra, partiram "imediatamente".

Os dois irmãos estavam então livres, fora do alcance de seus inimigos e poderiam ter ido para o oeste se o desejassem. Mas preferiram "ver no que daria". (Estas foram as palavras de Hyrum, mas Joseph também usara certa vez a mesma frase, referindo-se ao futuro martírio.) Foi a caminho de Carthage que o Profeta declarou:

"Eu vou como o cordeiro ao matadouro; mas estou calmo como uma manhã de verão; para com Deus e os homens tenho a consciência limpa. MORREREI INOCENTE E AINDA SE DIRÁ DE MIM — FOI ASSASSINADO A SANGUE FRIO." (D&C 135:4)

Uns poucos dias mais tarde, enquanto na prisão de Carthage, escreveu à sua espôsa: "... estou totalmente resignado com minha sorte, sabendo que estou justificado e fiz o melhor que pôde ser feito. Transmita meu amor às crianças e a todos meus amigos..."

Quando chegou o momento final — enquanto a turba golpeava as portas da prisão e Hyrum jazia morto no chão, o Profeta "afastou-se calmamente da porta, deixou cair sua pistola e pulou da janela quando duas balas o atingiram, uma vinda da porta e outra da janela a qual penetrou-lhe no lado direito do tórax; caiu para fora nos braços dos assassinos exclamando:**"Ó Senhor, meu Deus!"**

"Os testificadores agora estão mortos e o seu testamento está em vigor." (D&C 135:5)

# O Monumento ao Batalhão Mórmon em San Diego

**Richard J. Marshall**

**Modêlo do monumento em gêsso, pronto para o embarque para Florença, Itália, onde será fundido em bronze.**

Neste verão, a cidade de San Diego festeja o seu segundo centenário de fundação. Como parte da celebração do marco histórico, a seção local da agremiação "Filhos dos Pioneiros de Utah" possibilitaram a criação de mais uma importante peça de arte mórmon: uma estátua colossal de mais de três metros de altura de um soldado em marcha, mochila nas costas, rifle sôbre o ombro, um Livro de Mórmon na mão esquerda, representando o Batalhão Mórmon.

Êste monumento foi esculpido em Salt Lake City pelo escultor santo dos últimos dias Ed Fraughton e atualmente está sendo fundido em bronze em Florença na Itália. Será presenteado à cidade de San Diego e colocado num parque como memorial permanente às significativas contribuições do batalhão à Missão de San Diego enquanto alí esteve aquartelado em 1847-1848.

Enviado para auxiliar a defesa da Califórnia duran-

te a guerra com o México, os oficiais mórmons não se contentaram em desempenhar seus deveres de rotina; puseram a tropa a trabalhar "construindo casas, abrindo poços, levantando cêrcas, etc." Como resultado, o batalhão construiu o primeiro forno de cozer tijolos, utilizando-os para edificar um amplo edifício para o tribunal e uma escola. Quando essas duas notáveis construções foram terminadas, "Os cidadãos promoveram uma festa e uma grande parada."

Um historiador daquela época relata: "Além dessas obras, os mórmons fizeram muitos trabalhos de carpintaria para o povo de San Diego, e sua conduta lhes assegurou muitos amigos; quando se retiraram, isto foi motivo de pesar geral."

Um dos componentes dêsse batalhão, Henry G. Boyle, descrevendo os trabalhos feitos, disse: "Acho que caiei tôda San Diego. Trabalhávamos como ferreiros, organizamos uma panificadora, construíamos e consertávamos carroças, enfim fizemos todo o possível para o nosso próprio benefício bem como o do povo. Os cidadãos tornaram-se tão apegados a nós que antes que o nosso tempo de serviço expirasse encaminharam uma petição ao governador para que êste usasse de sua influência para que não fôssemos desmobilizados. Tal petição foi assinada por todos os cidadãos de San Diego."

Grande parte do batalhão deixou San Diego após três meses de trabalho duro, transferindo-se para San Bernardino onde deveria guardar o Passo Cajon em Sierra Nevada, a fim de impedir a passagem de índios hostis. Outros lá ficaram até março de 1848, quando então o Capitão Boyle e Orrin Rockwell (que chegara de Salt Lake no inverno anterior) os conduziram de volta a Utah, abrindo a primeira trilha para carroças entre a Califórnia meridional e Utah.

A maior parte dos soldados que partiram para Utah em 1847, subiram a pé a costa californiana até Sacramento, onde trabalharam temporàriamente para o explorador norte-americano, Capitão John A. Sutter. Êsses ex-membros do batalhão, tendo recebido sete dólares por mês enquanto a serviço do govêrno dos Estados Unidos, concordaram em cavar canais de água para a serraria de Sutter.

Daniel Tyler, historiador oficial do batalhão durante tôda a longa jornada credita a descoberta de ouro aos seus companheiros de armas, dizendo: "Pode-se dizer que o trabalho dos mórmons abriu e desenvolveu uma das principais fontes de riqueza da nação." Recorda êle que "por volta de 24 de janeiro de 1848, a corrente d'água foi desviada para o canal acima da serraria... sendo o desnível bastante pronunciado sua queda provocou a erosão do solo formando um buraco junto à base da construção. O Superintendente Marshall desceu a fim de examinar os possíveis efeitos desta erosão, e durante o exame seus olhos captaram o brilho amarelado de metal de uma pepita que mais tarde comprovou-se ser de ouro."

Contudo, Brigham Young pedira aos componentes do batalhão que fôssem reunir-se a êle e suas famílias no vale do Lago Salgado. "Com exceção de uns poucos, todos nós abandonamos as minas de ouro para lavrar o solo junto com os santos e Brigham Young."

O monumento de San Diego retrata essa silencio-

**Na mão esquerda, o soldado segura firmemente o Livro de Mórmon, o qual estêve consigo por tôda a longa jornada.**

**Tal como Brigham Young os instruira, na mochila ia a Bíblia Sagrada por onde quer que andassem.**

**Aplicação de gêsso para dar firmeza ao molde de borracha flexível.**

sa coragem e dedicação. Além do Livro de Mórmon que leva na mão esquerda, êsse soldado carrega também a Bíblia na sua mochila, segundo instruções de Brigham Young que agira como "sargento recrutador, auxiliado por Willard Richards na função de escrevente" para reunir os 500 voluntários procurados pela Igreja e pelo govêrno.

Aquela foi uma tropa singular; Brigham Young instruira seus oficiais "a serem como pais de seus comandados, desempenhando suas funções pelo poder e influência do Sacerdócio." Prometera-lhes "o poder de preservar as vidas de seus companheiros e safar-se de dificuldades." Aconselhara-os a se "manterem limpos e asseados, ensinar castidade, cortesia e civilidade, não permitindo pragas e blasfêmias." E, finalmente, havia prometido que independentemente de para onde fôssem levados, "o próximo templo seria erigido nas Montanhas Rochosas; a Grande Bacia é o local para se construí-los e êste será o reduto dos santos contra o populacho."

Durante tôda a tediosa jornada e seus labôres em San Diego, não perderam a fé inabalável de que reencontrariam suas famílias e amigos no vale do Grande Lago Salgado. A despeito do fascínio do ouro em Sacramento, os conselhos e promessas de Brigham Young ajudaram a se manterem fieis ao objetivo de novamente se "juntarem aos santos."

Foi em San Diego que o oficial comandante dêles, o tenente-coronel P. St. George Cooke, um não-membro muito estimado pelo batalhão, escreveu para os arquivos da história americana suas congratulações para essa tropa singular. Salientando que acabavam de concluir a marcha de mais de 3.200 km, disse: "Seria vão procurarmos na história a descrição de uma marcha de infantaria semelhante; nove décimos dela através de sertão habitado apenas por índios e animais selvagens, ou por desertos onde por falta de água não existe vida alguma. Ali, num esfôrço quase sem esperança, cavamos poços profundos que beneficiarão o viajante do futuro. Sem um guia que os tivesse atravessado, aventuramo-nos por pradarias sem trilhas, marchando dias seguidos sem encontrarmos água. Abrindo caminho com picaretas e pé-de-cabra por sôbre montanhas que pareciam invencíveis a não ser para a cabra montês e através de ravinas de rocha viva mais estreitas do que nossos carroções... marchando semi-despidos, mal alimentados, subsistindo à custa da caça; assim descobrimos e abrimos uma trilha de grande valor para o nosso país..."

Embora as contribuições do Batalhão Mórmon tenham beneficiado significativamente diversas regiões do sudoeste, é a cidade de San Diego que agora homenageia êsses soldados industriosos que por ali passaram e que se esforçaram para deixá-la melhor do que a encontraram, para depois retornarem apressadamente à região inculta das altas montanhas de Utah.

Nessa nossa época de hoje de conflitos armados e pressão militar, êste nôvo monumento de bronze transmite um testemunho mudo do sacrifício pessoal de soldados de outra época — marchando inexoràvelmente em busca da meta patriótica do serviço a Deus e à pátria.

# MEU CÓDIGO DE CONDUTA PARA COM MEU FILHO

**Daniel S. Hess**

Não usarei castigo físico para corrigir meu filho Stephen.

Os maiores ideais na vida são alcançados pelo amor, não pela compulsão e fôrça.

Eu o encorajarei e o tratarei com o mesmo respeito como o faria com um adulto.

Não o menosprezarei ou desencorajarei com atitudes negativas.

Empregarei atitudes de amor e aprêço.

Lembrar-me-ei de que grande parte de sua energia está sendo empregada no processo de crescimento físico.

Procurarei recordar-me das minhas próprias deficiências e lembrar a gratidão sentida pelos que demonstraram paciência e compreensão quando eu era jovem.

Pelo fato de ser seu pai, sempre haverei de me portar com dignidade e respeito perante êle. Lembrar-me-ei de sua pouca idade e falta de entendimento.

Não me esquecerei de que o exemplo é o melhor mestre. Será que meus pensamentos e ações são dignos de imitação?

Meu sucesso dependerá em grande parte da minha conduta para com êle, devido à permanente responsabilidade de confiança colocada sôbre meus ombros na qualidade de pai. A chamada celebridade terrena desaparece com a morte, mas o sucesso paterno afeta direta e indiretamente uma multidão de espíritos nesta vida e na eternidade.

Tentarei lembrar-me sempre de que êle é o mais precioso dos bens terrenos, um espírito eterno revestido de tabernáculo mortal e entregue aos meus cuidados.

# Amarás ao Senhor teu Deus

**Henry D. Taylor**
Assistente do Conselho dos Doze

Desde seu início a Igreja tem acentuado constantemente a importância do lar. Êste pode tornar-se um céu aqui na terra. Sempre que houver a presença do amor no lar, pode ser e será um lar feliz.

Quando o Salvador estêve aqui cumprindo a sua missão terrena, deu grande ênfase ao princípio do amor. Certa ocasião um homem instruído, intérprete da lei, aproximou-se dêle e perguntou: "Mestre, qual é o grande mandamento na lei?"

"Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma, e de todo o teu entendimento.

"Êste é o grande primeiro mandamento.

"O segundo semelhante a êste é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

"Dêstes dois mandamentos dependem tôda a lei e os profetas." (Mateus 22:36-40)

Noutra ocasião o Senhor ensinou que além de amarmos a Deus, nosso Pai nos céus, e o nosso próximo, devemos também amar os nossos inimigos. Devido às nossas fraquezas e prevenções humanas, isto se torna realmente um desafio. Eis o conselho do Senhor: "Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem." (Mateus 5:44)

Certo estadista americano fêz a seguinte observação: "Destruí vossos inimigos transformando-os em amigos."

Um outro ainda disse: "Devereis ser bondosos para com vossos inimigos, porque fôstes vós que os criastes."

O Senhor fêz severa advertência aos maridos com relação às espôsas; eis o mandamento: "Amarás a tua espôsa de todo o teu coração e a ela te apegarás e a nenhuma outra." (D&C 42:22)

Considerai agora outro aspecto dessa grande virtude — o amor — e seu relacionamento com a caridade.

Caridade e amor, em certos sentidos, parecem ser sinônimos. O profeta Moroni esclareceu êste ponto ao citar seu pai, Mórmon: "... se não tendes caridade nada sois... Mas a caridade é o puro amor de Cristo e dura sempre; e todos os que forem dotados dela, no último dia lhes irá bem." (Moroni 7:46-47)

Caridade pode e deve significar não apenas o puro amor **de** Cristo, mas também o puro amor **por** êle e o seu amor por nós.

O Salvador demonstrou que suas palavras concernentes ao amor não eram vazias, pois provou seu amor por nós com sua disposição de entregar sua vida, tornando assim possível recebermos a salvação através do seu sacrifício expiatório e alcançarmos a exaltação e a vida eterna obedecendo aos mandamentos que nos deu. Sua expiação deu sentido ao que ensinou dizendo que "ninguém tem maior amor do que êste: de dar alguém a própria vida em favor de seus amigos." (João 15:13) Nenhum homem estaria disposto a dar sua vida por um amigo sem que o ame sinceramente.

O ato abnegado do Senhor acrescentou grande pêso ao que disse mais: "Nôvo mandamento vos dou: que

vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros." (João 13:34)

Vivia em Munique, Alemanha, um solitário e jovem estudante persa, lutando para encontrar um significado para a vida. Sentia-se profundamente perturbado pelo materialismo e egocentrismo que parecia cobrir o mundo todo; especialmente na Europa de após-guerra. Ouvindo bater na porta, encontrou dois humildes élderes mórmons de pé diante dêle, que não tinha o menor interêsse por religião. Na verdade, sua alma estava cheia de cinismo e dúvidas, a ponto de quase estar convicto de que não existia nenhum Deus nem real sentido na vida. A única coisa que o interessou nos dois missionários foi o sotaque inglês. Falava quatro idiomas, mas não o inglês.

Êle os convidou a entrar mas quando começaram a falar advertiu-os: "Não desejo ouvir nada acêrca do Deus de vocês, nem como se iniciou sua religião. Quero saber apenas uma única coisa: o que vocês fazem uns pelos outros?" Ficou esperando e uma expressão de dúvida surgiu em suas feições morenas quando os élderes trocaram um olhar.

Finalmente, o porta-voz dos dois respondeu mansamente: "Nós nos amamos uns aos outros."

Nenhuma outra resposta teria causado um impacto mais eletrizante sôbre o jovem persa do que estas simples palavras, pois imediatamente o Espírito Santo prestou testemunho à sua alma de que aquêles missionários eram verdadeiros servos do Senhor. Pouco tempo depois êle foi batizado, e atualmente encontra-se neste país recebendo seu grau de doutorado numa universidade local — tudo porque um jovem missionário mórmon disse uma simples verdade: "Nós nos amamos uns aos outros."

Virtualmente tôdas as religiões pregam que devemos amar uns aos outros, mas a Igreja restaurada nos ensina **como** fazê-lo. As visitas dos mestres familiares, o inspirado programa do bem-estar, os abnegados serviços efetuados nos templos e o sistema missionário mundial demonstram de maneira prática o ensinamento do Salvador: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 22:39)

Na época pascal lembramo-nos do sacrifício do nosso Redentor e confessamos com sincera gratidão e reconhecimento nossa dívida para com êle.

Ao conceder sua aprovação para a expiação de Cristo, nosso Pai celestial manifestou seu amor por nós, seus filhos. Um profeta o expressou com muita propriedade: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquêle que nêle crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16)

Como podemos demonstrar nosso amor pelo Pai Celestial, nosso amor e gratidão ao Salvador? O Senhor nos deu a chave; ouví sua admoestação: "Se tu me amas, me servirás e guardarás **todos** os meus mandamentos." (D&C 42:29. Grifo pelo orador)

O amor é um princípio eterno, uma virtude infinita. Operava antes da vida terrena e continuará a fazê-lo por tôda a eternidade. O Presidente McKay fê-lo patente nesta magnífica declaração: "O amor é o mais divino dos atributos da alma humana, e se aceitarem a imortalidade da alma, isto é, se crerem que a personalidade sobrevive à morte, então têm que acreditar que também o amor vive."

Não obstante, o amor é uma virtude que pode ser perdida. É possível que murche e morra em virtude da negligência, descuido e indiferença. Por isso o Presidente McKay nos adverte com as seguintes belas palavras: "O amor tem de ser alimentado... o amor precisa ser nutrido; êle pode ser literalmente destruido pela fome como acontece com o corpo quando êste não recebe o alimento diário."

Muitos dos maiores males e distúrbios que atormentam a humanidade neste mundo desordenado de hoje, provocando infelicidade e tristeza, desapareceriam se o princípio do amor fôsse proclamado e praticado.

Se amássemos o Senhor nosso Deus e demonstrássemos êsse amor guardando seus mandamentos, seríamos cidadãos cumpridores da lei e não haveria mais necessidade de policiais nem de prisões.

Se primássemos em amarmos uns aos outros e o nosso próximo como a nós mesmos, não existiria mais necessidade de realizar convenções e reuniões protegidas por cêrcas de arame farpado e guardas armados com rifles e baionetas.

Se realmente amássemos àqueles que nos perseguem, êles não mais seriam nossos inimigos, mas sim amigos, e não haveria nem guerras nem derramamento de sangue.

Se os homens tivessem um amor sincero por suas espôsas, as espôsas amassem seus maridos, os pais amassem e compreendessem seus filhos e êstes amassem e respeitassem seus pais, não haveria mais infidelidade e deslealdade, nem disputas ou altercações entre os homens; os divórcios, a deliquência juvenil, os lares desfeitos e a frustração dos jovens seriam eliminados; e os outros males sociais, morais e econômicos deixariam de existir. A paz reinaria no mundo.

O General Eisenhower foi uma pessoa que não apenas expressava seu amor, mas também o demonstrava em proveito de terceiros. Dentre suas derradeiras palavras encontramos as seguintes: "Sempre amei minha espôsa, sempre tive amor por meus filhos, sempre quis bem aos meus netos e sempre amei meu país."

Alguns anos atrás, o Presidente McKay declarou aos irmãos reunidos no Tabernáculo que se os perto de 9.000 portadores do Sacerdócio presentes dali por diante vivessem plenamente os ensinamentos do Mestre, êles teriam o poder necessário para modificar o mundo. Eu acredito que sim. E creio também que se os aqui presentes e todos os que formam a grande audiência do rádio e televisão vivessem plenamente o princípio do amor — e não existe princípio maior — teríamos o poder de transformar nossas vidas, nossos lares, nossas comunidades, depois esta nação e eventualmente o mundo, como nos versos de uma canção em moda nos EUA que diz: "Que haja paz sôbre a Terra, e que ela comece comigo." Obtemos êsse poder de transformar nossas vidas e a dos que nos cercam reconhecendo primeiro nosso próprio valor, amando e valorizando a nós mesmos, e depois demonstrando amor por aquêles com que vivemos e trabalhamos.

Que possamos ter o desejo e a coragem de assim agir, eu oro humildemente, em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

# O Poder do Exemplo

**Delbert L. Stapley** do Conselho dos Doze

Meus caros irmãos, irmãs e amigos: Estou íntima e plenamente convicto de que é preciso dar mais atenção em combinar os princípios, padrões e ideais do Evangelho com exemplos cristãos em nossa vida pessoal se desejarmos que a verdade e a justiça prevaleçam no presente mundo moral e espiritualmente decaído. Não nos podemos permitir abandonar as sólidas amarras espirituais e sair a tropeçar por caminhos desastrosos que só nos podem conduzir à vida depravada.

O mundo necessita de mais homens e mulheres de bom caráter moral e espiritual que se mantenham inabaláveis, constantes e impassíveis no cumprimento dos mandamentos de Deus e sejam exemplos vivos da verdade e da retidão.

O poder do exemplo manifesta sua fôrça quando homens e mulheres vivem o Evangelho. Nessas pessoas, a luz do glorioso Evangelho de Jesus Cristo se irradia de seus semblantes como um fanal luminoso que dirige os outros aos caminhos da virtude.

Recentemente, retornando de avião de uma conferência de estaca, uma das jovens aeromoças sentou-se ao meu lado durante sua folga. Após apresentar-se, contou-me que uma das suas companheiras de quarto é uma môça de Salt Lake City. Indaguei se essa jovem pertencia à Igreja Mórmon e recebi resposta afirmativa. Perguntei então se ela vivia sua religião e novamente a resposta foi um "sim" categórico, e expressou sua admiração e respeito pela fé, conduta e bom exemplo demonstrados por sua nova amiga mórmon.

Certo homem sábio, quando lhe pediram que alistasse os três pontos cardeais que exemplificaram a vida dos grandes mestres de todos os tempos e que poderiam servir de orientação aos novos professôres, disse: "Primeiro, ensinar pelo exemplo. Segundo, ensinar pelo exemplo. Terceiro, ensinar pelo exemplo."

Nosso Salvador, Jesus Cristo, é o maior exemplo que o mundo jamais conheceu, e seus ensinamentos resistem ao passar dos séculos porque os preceitos que ensinou foram enfatizados pelo exemplo da sua própria vida.

Para ser um exemplo do ponto de vista religioso, alguém ou certo grupo tem que servir como modêlo e estabelecer um padrão de conduta e comportamento moral em sua vida que possa ser imitado e seguido sem reservas pelos demais, resultando em benefícios e bênçãos para êles.

"Nenhum período da história foi ou poderá ser grande a menos que aja segundo certos certos princípios sublimes e idealistas; em nossa época o idealismo tem sido pôsto de lado e por isso estamos arcando com as consequências."

Pensamentos e palavras grandiloqüentes desacompanhados do exemplo condigno são como o soar das cornetas e o tinir dos pratos, portanto sem sentido algum.

"O que és", disse Emerson, poeta americano, "ressoa tão alto em meus ouvidos que não consigo escutar o que dizes."

"... Eis que Eu sou a luz; Eu vos dei o exemplo." Disse Jesus. (3 Néfi 18:16)

Esta declaração desafiadora do nosso Redentor pode ser aceita com tôda segurança e certeza.

O Apóstolo Pedro acentua esta verdade ao declarar: "Porquanto para isto mesmo fôstes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos.

"O qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua bôca,

"pois êle, quando ultrajado, não revidava com ultraje, quando maltratado não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente." (I Pedro 2:21-23)

Já foi dito que "O ideal cristão não foi posto à prova achado em falta; tem sido considerado difícil e abandonado sem ser pôsto à prova."

Aos membros da Igreja de hoje pode-se aplicar as palavras do nosso Salvador: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus." (Mateus 5:16)

Esta passagem das Escrituras acentua a importância e o valor do bom exemplo.

O Presidente David O. McKay, numa mensagem proferida em conferência geral, deu o seguinte conselho: "Se quisermos encarar o futuro, não importa qual possa ser, com espírito tranquilo, com a convicção de que Deus governa os negócios dos homens, vivamos individualmente e em grupo uma vida exemplar".

Êsse apêlo do nosso amado Presidente é tão oportuno hoje em dia como o foi há vinte e um anos atrás, ou talvez ainda mais, devido à crescente iniquidade e corrupção generalizada da atualidade.

O Profeta Joseph Smith proclamava que deve-se ensinar ao povo princípios corretos e depois deixar que governe a si próprio. O Evangelho ensina princípios, padrões e ideais corretos, mas existem tantos que desdenham êsses ensinamentos e assim deixam de governar-se corretamente. Em conformidade com êsse conceito de ensinar princípios corretos, o Senhor advertiu os habitantes do seu reino:

"E Sião não pode ser edificada, a não ser pelos princípios da lei do reino celestial; de outra sorte, não a posso receber." (D&C 105:5)

Néfi, um dos profetas do Livro de Mórmon, desgostoso com os corações endurecidos de seus irmãos mais velhos, Laman e Lemuel, falou-lhes dizendo:

"Como se entende que vós, meus irmãos mais velhos, tenhais os corações tão duros e sejais tão cegos de compreensão que seja necessário eu, vosso irmão mais nôvo, vos falar, dando-vos o exemplo?

"Como é que não haveis escutado a voz do Senhor?

"...Sejamos, portanto, fiéis a êle." (1 Néfi 7:8,9,12)

Aprendemos nos escritos de Néfi que Cristo "se humilha ante o Pai, testificando-lhe obediência na observância de seus mandamentos.

"E... mostra aos filhos dos homens quão estreito é o caminho e quão apertado é o portão pelo qual deverão entrar, tendo Êle lhes dado o exemplo.

"E disse aos filhos dos homens: Segui-me. Portanto, meus queridos irmãos, poderemos por acaso seguir a Jesus, se não quisermos guardar os mandamentos do Pai?"

E, desafiando tôda humanidade, disse Cristo: "... segui-me, pois, e fazei as coisas que me vistes fazer." (2 Néfi 31:7,9-10,12)

Esta admoestação foi confirmada a Néfi pela voz de Deus, que disse:

"Sim, as palavras do meu Amado são verdadeiras e fiéis. Quem perseverar até o fim, êsse será salvo.

"E agora, meus queridos irmãos" disse Néfi, "sei por isso que, a menos que o homem persevere até o fim, seguindo o exemplo do Filho do Deus vivente, não poderá ser salvo." (2 Néfi 31:15-16)

Êsses ensinamentos constituem um chamado a todos os homens para viverem retamente. É o único caminho que nos leva de volta à presença de Deus.

Coriânton, filho de um profeta nefita, durante seu serviço missionário, insensatamente e para grande desgôsto de seu pai, seguiu a meretriz Isabel. Alma, desapontado pela conduta do filho, reprovou-o e disse:

"...pois, ao observarem êles o teu procedimento, não acreditarão nas minhas palavras." (Alma 39:11)

Na verdade, o exemplo é mais forte do que o preceito.

Conta-se que o capitão de uma equipe esportiva declarou: "Estamos representando o nosso Estado e desejo que nos conduzamos como cavalheiros... A juventude nos observa, e isso me preocupa, quero que nossa turma dê um bom exemplo." Creio que essa declaração foi muito interessante.

Thoreau disse: "Se pretendermos convencer alguém de que está errado, ajamos certo. Os homens acreditam no que vêem — **deixem que vejam.**"

O Dr. Albert Schweitzer expressou o seguinte: "O exemplo não é o recurso principal para se influenciar os outros — é o único!"

"No exemplo existe um poder transcendental. Ao andarmos em retidão transformamos os outros inconscientemente" (Madame Swetchine)

Jacó, irmão de Néfi, dirigindo-se aos pais, aconselhou: "... recordareis como haveis afligido os corações de vossos filhos, por causa do exemplo que lhes haveis dado; e não esqueçais também que, devido à vossa imundície, podereis levar vossos filhos à destruição, e seus pecados serão amontoados sôbre vossas cabeças no último dia." (Jacó 3:10)

Isto nos lembra os ensinamentos dados aos pais por nosso Senhor nestes últimos dias: a responsabilidade de ensinar aos nossos filhos os princípios do Evangelho — providenciar que sejam batizados, ensinados a orar, a andar retamente diante do Senhor e a observar o dia do Senhor, para santificá-lo. (Vide D&C 68:27-29)

O Presidente McKay declarou: "É tão inútil procurara ensinar honestidade enquanto se é desonesto diante de uma criança, como tentar aquecer água numa peneira."

Como é importante que os pais levem uma vida limpa e obedeçam às leis e mandamentos de Deus. Assim fazendo poderão utilizar o exemplo de suas próprias vidas para ensinarem seus filhos. Do contrário surgem inibições pessoais que impedem que discutam as questões e problemas da vida íntimos e delicados que afetam profundamente a vida de seus filhos.

Baseando-se sôbre os alicerces e padrões de pais exemplares, os filhos ganham equilíbrio, bom senso e sabedoria.

O profeta Jacó ainda admoestou os nefitas:

"... Haveis quebrantado os corações de vossas ternas espôsas e perdido a confiança de vossos filhos, por causa de vossos maus exemplos diante dêles; e os soluços de seus corações sobem a Deus contra vós..." (Jacó 2:35)

Na sua mensagem desta manhã, o Presidente David O. McKay deu um conselho oportuno aos pais com relação aos filhos.

Permitam-me mencionar o conselho do Presidente Brigham Young sôbre ensinar os filhos pelo exemplo; disse êle: "...se os pais sempre derem aos filhos exemplos dignos de serem imitados e aprovados pelo nosso Pai nos céus, poderão mudar a tendência e o rumo dos sentimentos de seus filhos e êstes, eventualmente, preferirão a retidão ao mal."

"... nunca deveríamos nos permitir fazer aquilo que não desejamos que nossos filhos façam. Devemos dar-lhes exemplos que esperamos que imitem... Quantas vêzes vemos pais exigindo obediência, bons modos, palavras amáveis, aparência agradável, uma voz doce e um olhar alegre de um filho ou filhos, quando êles próprios estão cheios de amargura, sempre rabugentos! Que atitude mais inconsistente e irracional!"

"... os pais devem governar seus filhos antes pela fé do que pela vara, guiando-os bondosamente pelo bom exemplo para tôda a verdade e santidade."

"Se vivermos nossa religião, nossos filhos terão amor pela verdade. Os pais devem tomar um rumo tal que seus filhos possam dizer: 'Nunca vi meu pai enganar ou se aproveitar de um seu semelhante; nunca vi meu pai apoderar-se do que não lhe pertencia... mas dizia... seja honesto, fiel, virtuoso, bondoso, industrioso, prudente e cheio de boas obras'. Tais ensinamentos dados pelos pais habitarão nos filhos para todo o sempre."

Falando de exemplos das Escrituras, o apóstolo Paulo, dirigindo-se aos santos de Corinto, advertiu-os:

"Ora, estas coisas se tornaram exemplo para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como êles cobiçaram.

"E não pratiquemos imoralidade, como alguns dêles o fizeram...

"Não ponhamos o Senhor à prova, como alguns dêles já fizeram e pereceram pelas mordeduras das serpentes.

"Nem murmureis como alguns dêles murmuraram e foram destruídos pelo exterminador.

"Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos, e foram escritas para advertência nossa...

"Aquêle pois, que pensa estar em pé, veja que não caia." (I Cor. 10:6, 8-12)

Aquêles que estão encarregados de ensinar ou liderar no reino de Deus não devem esquecer-se que Cristo é, com justiça, o seu maior exemplo. Por isso, todos os líderes e professôres chamados a trabalhar na vinha dêle assumem uma grande responsabilidade quando esperam que outros vivam de acôrdo com os princípios, padrões e ideais a fim de usufruir os privilégios e bênçãos do Evangelho, embora êles próprios deixem de preencher tais requisitos em suas próprias vidas.

Nós, líderes, temos que ser aquilo que pedimos ou exigimos dos outros; do contrário, essa hipocrisia será a condenação.

Antes do batismo exige-se do candidato que se arrependa de todos os seus pecados. Portanto não será lógico que os portadores do Sacerdócio que oficiam essa ordenança também estejam isentos de qualquer transgressão pessoal? Isto se aplica também às demais ordenanças do Evangelho.

É falsidade e desonra a tentativa de esconder uma conduta pessoal imprópria, não servindo aberta e exemplarmente de acôrdo com o espírito de seu santo chamado. Temos que nos lembrar de que nossa conduta aqui na terra fica registrada nos céus e que virá o dia do juízo final — o ajuste de contas. Esta Igreja é verdadeira; tem valor e é significativa para os que buscam a exaltação e a vida eterna. Se esta igreja tem valor, ela merece todo o nosso esfôrço! Não existe exaltação e glória eterna sem isso.

O Senhor nos revelou que antes da sua segunda vinda o demônio terá poder sôbre seus domínios. Hoje em dia estamos testemunhando evidências disto de muitas maneiras. O homem está rejeitando os ensinamentos e verdades eternas das Escrituras. Numerosos intelectuais dessa nossa esclarecida época atual julgam ter superado os princípios básicos e fundamentais que o Salvador e seus santos profetas têm enfrentado através dos tempos. Ainda que nestes últimos dias "o diabo terá poder sôbre o seu próprio domínio," o Senhor prometeu que êle "terá poder sôbre os seus santos, e reinará no seu meio, e descerá para julgar ... o mundo." (D&C 1:35-36)

Saber disto é confortador, mas para que o Salvador possa cumprir sua promessa, seu povo precisa viver como santo. Pois são os únicos entre os quais o Senhor prometeu reinar.

Talvez fôsse bom recordar a história de Enoque e seu povo, que se achava num abominável estado de iniqüidade. Todos êles haviam-se desviado dos ensinamentos de seus pais. Enoque aceitou o desafio de fazer com que o povo abandonasse os caminhos malígnos e retornasse aos do Senhor. E êle foi tão bem sucedido que Deus os transladou e os recebeu junto de si. (Vide Moisés 7 e 8)

Após o ministério de Cristo e sua ressurreição na Judéia, êle visitou os povos da América. Depois de sua aparição entre êles, êles modificaram completamente seus caminhos, passando da iniquidade para a retidão.

Em 4 Néfi encontramos o relato dêsse sublime acontecimento:

"E aconteceu que, no ano trigésimo sexto, o povo inteiro foi convertido ao Senhor sôbre tôda a face da terra, tanto nefitas como lamanitas; e não havia contendas nem disputas entre êles, e procediam retamente uns com os outros.

"E não havia contendas no país, em virtude do amor a Deus que vivia nos corações do povo.

"E não havia invejas, nem disputas, nem tumultos, nem fornicações, nem mentiras, nem assassínios, nem nenhuma espécie de lascívia; e sem dúvida não poderia haver povo mais ditoso entre todos os povos criados pela mão de Deus." (4 Néfi 2:15-16)

Êsses dois exemplos se nos apresentam na Igreja hoje em dia. Nosso trabalho e propósitos são idênticos aos das épocas passadas. Será que seremos capazes de viver e agir de modo a estarmos à altura dessa responsabilidade? A tarefa parece insuperável, mas se nós, como povo, vivermos retamente, buscando sèriamente as riquezas eternas, o estado ideal de retidão pode ser alcançado.

Após aquêle período de felicidade e paz dos nefitas e lamanitas, êles gradualmente retornaram à antiga conduta, e Mórmon em sua segunda epístola a seu filho Moroni, fala da iniqüidade e falta de princípios entre o povo, lamentando:

"Oh! A depravação de meu povo! Não têm ordem nem misericórdia...

"E êste povo tornou-se o mais perverso e brutal, a ninguém poupando... aprecia apenas o que não presta...

"... Tu já conheces as maldades dêste povo; tu sabes que não têm princípios nem sentimentos..." (Moroni 9:18-20)

Estará a história começando a se repetir na geração atual? Estou convicto que sim. Nossa posição e responsabilidade são iguais agora às que Mórmon expressou a seu filho Moroni séculos atrás:

"Mas, apesar de vermos essa dureza de coração, meu querido filho, "disse Mórmon," trabalhemos diligentemente; porque se deixarmos de labutar atrairemos sôbre nós a condenação. Pois temos uma missão que devemos executar enquanto habitarmos êste tabernáculo de barro, a fim de vencermos o inimigo de tôda a justiça, para que nossas almas possam encontrar descanso no reino de Deus" (Moroni 9:6)

O nosso esfôrço em exercermos o poder do bom exemplo por vivermos os princípios do Evangelho, mantendo padrões adequados e procurando nos apegarmos aos ideais honestos, embora nem sempre seja fácil, nos trará recompensas nesta vida e nos mundos eternos por vir.

Disse alguém: "Não é problema manter seus princípios num nível elevado, mas às vêzes torna-se difícil permanecer lá em cima com êles."

"Para nós que possuimos a lei do certo e do errado dada por Cristo, nada há para o que não tenhamos um padrão..." (Leon Tolstoi, **Guerra e Paz**)

Honestidade, integridade, retidão, moralidade, observância da Palavra de Sabedoria e tôdas as demais revelações concernentes à conduta ideal, devem ser exemplificadas em nossas próprias vidas, e então nos tornaremos exemplos adequados a serem seguidos.

(Conclui na p. 24)

# Marcos e a Serpente Marinha

**Mabel Jones Gabbott**

A princípio Marcos julgou que fôsse um arco-íris, todo colorido e fulgurante à luz do sol. As fortes ondas iam e vinham, mas o colorido permanecia. Deixando cair o búzio que levava na mão, Marcos acercou-se mais da água. Quando o derradeiro borrifo da segunda onda se foi deixando a areia escura e molhada, houve um fulgor maravilhosamente colorido e Marcos viu uma grande serpente marinha erguer a cabeça e vir para a praia.

"Alô!", exclamou Marcos, "quem é você?"

"Alô!" respondeu a serpente marinha, "eu sou Marzagão II, o filho de Marzagão I."

"Primeiro de quê?" indagou Marcos

"A primeira serpente marinha dos mares do sul; nós temos um castelo debaixo dêstes recifes de coral. Temos vivido aqui há séculos, desde que fomos compelidos pelo frio e neve a abandonar as praias setentrionais."

"Ó," disse Marcos, "e qual é o seu primeiro nome?"

"Pode chamar-me de Zé," respondeu a serpente. "E como você se chama e que é você?"

"Meu nome é Marcos e estou no segundo ano da escola de Dona Maria. Já sei ler um pouco e escrevo bastante bem. Meus pais gostam de mim, mas nós não moramos num castelo."

"O que você estava fazendo?" indagou a serpente.

"Ora, estava apenas catando conchas; encontrei um búzio côr de rosa. Onde será que o larguei?"

"Vou ajudá-lo a procurar conchas," disse a serpente marinha.

E assim Marcos e a serpente chamada Zé ficaram procurando conchas até que o sol estava prestes a sumir no horizonte. Então a serpente disse: "Agora preciso ir para casa."

Marcos respondeu que também precisava ir e assim os dois se despediram prometendo encontrarem-se novamente outro dia qualquer para conversarem.

Naquela noite enquanto jantava Marcos contou à sua família: "Hoje encontrei uma serpente marinha na praia, conversamos e juntos procuramos conchas. Seu nome é Zé."

Seu pai lançou-lhe um olhar demorado e sua mãe, assombrada, colocou a mão na testa dêle para sentir a temperatura. Então ambos disseram: "Essa coisa chamada serpente marinha não existe. O que tiveram como lanche na escola?"

E sua mãe lhe deu chá de gengibre na hora de dormir. Mas Marcos realmente havia visto uma serpente marinha, pelo menos é o que acreditava.

Naquela mesma noite quando Zé chegou ao castelo debaixo do recife de coral, êle contou aos pais: "Hoje lá na beira da praia encontrei um rapazinho chamado Marcos; êle está cursando o segundo ano e nós conversamos e catamos conchinhas."

O pai de Zé lançou-lhe um longo olhar surpreso e sua mãe, assombrada, comentou: "Eu já lhe disse que você não deve comer tanto daquelas algas que crescem perto do recife." E ambos afirmaram: "Rapazinho é uma coisa que não existe."

Mas Zé havia visto o garotinho do segundo ano e conversou com êle, pelo menos é o que achava.

Pouco tempo depois a família de Marcos mudou-se para longe da praia e do recife de coral e das lindas conchinhas — para uma cidade do interior muito afastada. E Marcos não teve mais oportunidade de despedir-se de Zé.

Muitas vêzes Zé sobe à tona procurando Marcos, mas a praia está vazia e silenciosa — as grandes ondas vão e voltam, mas Marcos não aparece.

Muitas vêzes Marcos pensa em Zé e diz a si mesmo: "Algum dia voltarei lá. E a serpente marinha estará esperando por mim".

E talvez assim aconteça.

# O Rei Salomão

Pouco antes da morte de Daví, Salomão, seu filho, foi ungido rei de Israel por Zadoque, o sacerdote e Natã, o profeta. Salomão amava ao Senhor e seguiu os caminhos do rei Daví, seu pai.

Como primeiro ato após ser ungido rei, Salomão foi a Gibeom oferecer sacrifícios; êle sabia que não seria capaz de governar seu grande reino sem a orientação do Senhor. E Salomão ofereceu mil holocaustos sôbre o altar.

Naquela noite, depois da oferta do sacrifício, o Senhor apareceu a Salomão em sonho e lhe disse: "Pede-me o que queres que eu te dê."

**Dorothy O. Barker**

"Ó Senhor meu Deus," respondeu Salomão, "tu fizeste reinar teu servo em lugar de David, meu pai; não passo de uma criança... no meio de teu povo... Dá, pois, ao teu servo coração compreensivo para julgar a teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal..."

Estas palavras agradaram ao Senhor, e Salomão ouviu sua voz dizendo:

"Eis que faço segundo as tuas palavras: dou-te coração sábio e entendido de maneira que antes de ti não houve igual... Também até o que me não pediste eu te dou, assim riquezas como glória... e se andares nos meus caminhos e guardares os meus estatutos e os meus mandamentos, como andou Davi teu pai, prolongarei os teus dias."

Salomão acordou de seu sonho e retornou a Jerusalém onde todos se mostraram surpresos com a sabedoria e discernimento do jovem rei.

Hirão, rei de Tiro, ouvindo que Salomão desejava edificar uma casa ao nome do Senhor, seu Deus, enviou-lhe grande quantidade de madeira de cedro e de cipreste, além de oferecer habilidosos artesãos para ajudarem na construção.

Salomão designou oficiais para superintenderem o trabalho e a grande obra foi iniciada.

Nunca antes em todo o país se vira ou ouvira tarefa igual: o talhar das pedras, o serrar das madeiras e martelar dos metais; todos aquêles habilidosos trabalhadores dando o melhor de si, auxiliados por laboriosos ajudantes braçais.

Mas em Jerusalém tudo era silêncio — não se ouvia som algum de martelo, serras ou machados. À medida que cada parte da casa do Senhor era terminada, traziam-na à cidade e colocavam-na silenciosamente no lugar.

Depois de sete anos de trabalho árduo, o grande edifício ficou pronto. Era de pedra, todo recoberto de madeira. Os altos pilares de cedro eram decorados com flôres lavradas na madeira. As portas decoradas com anjos e palmeiras e todo o madeirame no interior recoberto com ouro puro. Havia um Santo dos Santos separado do resto do templo. As colunas do pórtico foram feitas de bronze polido ornamentadas com desenhos de lírios e romãs. Havia um altar de ouro além de lâmpadas e castiçais, tudo de ouro maciço lavrado.

Salomão congregou todos os anciãos de Israel e os cabeças das tribos para participarem do cortejo que traria a arca da aliança do Senhor da cidade de Daví para a casa do Senhor, colocando-a no Santo dos Santos.

Os sacerdotes e anciãos de Israel entraram com a arca pelas portas e a colocaram no lugar sagrado.

Depois o rei Salomão de pé perante o povo abençoou a congregação de Israel; estendendo suas mãos para o céu clamou em alta voz:

"Ó Senhor Deus de Israel, não há Deus como tu, em cima nos céus, nem em baixo na terra... Mas de fato habitaria Deus na terra? Eis que os céus... não te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei. Atenta, pois, para a oração de teu servo, e para a sua súplica, ó Senhor meu Deus, para ouvires o clamor e a oração que faz hoje o teu servo diante de ti. Para que teus olhos estejam abertos noite e dia sôbre esta casa... e teu povo Israel quando orarem neste lugar; ouve no céu, lugar da tua habitação; ouve e perdoa."

Depois que tudo terminara, o Senhor mais uma vez apareceu a Salomão dizendo-lhe que se o seguisse como o fizera o pai dêle, Daví, então o trono do reino de Salomão sôbre Israel seria confirmado para sempre.

Certo dia, estranhos com camelos carregados aproximaram-se das portas de Jerusalém; vinham de Sabá escoltando sua rainha numa visita ao rei Salomão. Ela ouvira falar da riqueza e sabedoria de Salomão e desejava verificar se tudo era verdade ou não.

Salomão a recebeu graciosamente e lhe mostrou tôdas as glórias de Jerusalém; convidou-a para banquetes em sua própria mesa onde cada prato e taça eram de ouro puro; falou-lhe de seus grandes barcos que buscavam terras estrangeiras. Salomão deu resposta a tôdas as suas perguntas e aceitou os presentes de especiarias raras, ouro e jóias que ela trouxera.

Afinal a rainha de Sabá disse: "Foi verdade a palavra que a teu respeito ouvi na minha terra, e a respeito da tua sabedoria... contudo, eis que não me contaram a metade: sobrepujas em sabedoria e prosperidade a fama que ouvi. Felizes... os teus servos que estão sempre diante de ti, e que ouvem a tua sabedoria! Bendito seja o Senhor teu Deus, que se agradou de ti." E voltou ao seu país maravilhada com tudo o que vira.

Anos mais tarde o rei Salomão voltou as costas ao Senhor que lhe havia concedido tanta sabedoria e glórias. Para agradar às princesas estrangeiras que trouxera a Jerusalém êle passou a cultuar outros deuses, queimando incenso e oferecendo sacrifícios.

Então Salomão ouviu novamente a voz do Senhor — a voz que ouvira há tanto tempo atrás em Gibeom. O Senhor disse-lhe que não havia guardado os mandamentos e adorara outros deuses e devido a isso êle, o Senhor, o faria perder seu reino. Disse-lhe o Senhor que daria uma tribo ao filho dêle, por amor de Daví.

Mas Salomão não se arrependeu, persistindo em sua iniquidade, indiferente à desgraça que estava trazendo ao seu país e povo. Que triste fim para um reinado tão glorioso!

No cumprimento dos convênios religiosos, o homem e seu Deus tornam-se . . .

# Associados pela Graça

**Lowell L. Bennion**

Numa classe da Escola Dominical, durante animada discussão sôbre a natureza dos convênios — batismo, sacramento, casamento e outros — certo membro levantou a seguinte questão: "Parece-me que o homem tem de dar mais a êsses convênios do que o Senhor. No final não ficamos em segundo lugar?" É desnecessário acentuar que tal questão suscitou interêsse e imediata reação.

Para tornar qualquer convênio viável, o homem realmente precisa contribuir com grande porção de sentimento consideração e boa conduta para poder ater-se a êle. Para preparar-se para o batismo, por exemplo, precisa ter humildade, um coração contrito, alimentado pela fé no Senhor Jesus Cristo, arrependido de seus pecados, disposto a perseverar até o fim e a ser sempre uma testemunha de Deus, seja onde fôr — isto realmente não é pouca coisa. Em troca, o Senhor lhe promete perdão dos pecados, o dom do Espírito Santo e aceitação no seu reino.

A despeito de todos êsses requisitos, nunca ficamos em segundo lugar ao fazer convênios com Deus. Em primeiro lugar, sendo um Pai amoroso, clemente, inteligente, êle tem muito mais a nos dar do que nós a êle. De que maneira poderíamos igualar sua generosidade e sabedoria?

Em segundo lugar, os convênios do Evangelho não são como os contratos comerciais em que cada parte interessada é obrigada a defender seu próprio interêsse. E muito menos se assemelham aos tratados entre nações resultantes de prolongadas negociações durante uma conferência de paz. Os convênios religiosos são assumidos voluntàriamente — ambos os lados interessados no bem recíproco.

Em sua mensagem de despedida aos nefitas, o rei Benjamin deixou claro que — façam o que fizerem — os homens nunca conseguirão igualar a generosidade do Senhor, permanecendo sempre "servos inúteis". O raciocínio dêle é lógico e interessante. Para começar, Deus nos deu a vida. Depois, prometeu-nos a vida eterna — sua maior dádiva ao homem — se guardarmos seus convênios. Mas mesmo isto não é tudo; os mandamentos que devemos guardar destinam-se ao nosso próprio benefício e trazem consigo sua recompensa concomitante e natural.

Êste último aspecto merece ser ilustrado. Entre os princípios do Evangelho que devemos viver não existe um único que não seja uma lei tanto para esta vida como para a eternidade. Por exemplo, ter humildade significa ser capaz de aprender, de manter a mente aberta para com Deus, com os nossos semelhantes e o mundo que nos rodeia. Ela traz sua própria recompensa. Arrepender-se significa tornar-se íntegro, pautar a conduta de acôrdo com o que sabemos ser o certo. Isto elimina o mêdo e os conflitos íntimos, proporcionando fortaleza e auto-respeito. Amar sinceramente ao próximo é experimentar o próprio eu íntegro e feliz. Não consigo lembrar-me de um único princípio do Evangelho que, a exemplo do dia santificado, não tenha sido instituido para o bem do homem.

O único risco que podemos correr ao guardarmos os mandamentos geralmente se prende à exortação a terceiros. Muitos dos profetas foram apedrejados: João Batista foi decapitado e Jesus, crucificado. Mas nessa nossa época de indiferença para com profetas, nós os leigos quase não corremos risco ao praticarmos os princípios cristãos. Êles são o caminho para a paz.

E por isso repetimos, não é possível ficarmos em segundo lugar com o Senhor. Êle deu sua vida; oferece-nos gloriosas promessas para o futuro; além de recebermos bênçãos imediatas e sermos plenamente recompensados por todo mandamento que guardamos, por todo convênio que cumprimos.

**Ensinar é construir pontes entre . . .**

# Idéias e Indivíduos

**Jean T. Kunz**

O professor bem sucedido da Escola Dominical é aquêle que consegue adaptar o assunto da lição às necessidades e personalidades de um certo grupo de crianças, consideradas individualmente. Ensinar é construir pontes — pontes entre idéias, conceitos e indivíduos. Se estas pontes são claramente definidas e expostas, o intercâmbio entre professor e alunos é recíproco. Ambas as partes estarão aprendendo ao mesmo tempo, por isso o comportamento entre professor e aluno será influenciado pelo que está acontecendo.

**Preparo do Professor**

Crianças de seis anos de idade geralmente não se mantêm quietas e pensativas; são antes irriquietas, tagarelas, entusiastas, possuem consciência de grupo e gostam de aprender. Algumas dispõem de bastante experiências educacionais, ao passo que outras foram pouco expostas a lugares e idéias. Certas crianças de seis anos já viajaram por Israel e quando o professor fala sôbre Jesus, elas conseguem visualizar a região onde êle pregou. A criança que nunca estêve além de 20 km de seu lar, fará uma imagem mental diferente de Jesus e do que êle fêz. Andar nas pegadas de Jesus pode ter um sentido literal para a criança em cuja família pouco se usa o sentido figurado.

**O Que Fazer Como Professor?**

Procurar conhecer as crianças, seus antecedentes e experiências que tiveram. Formar um relacionamento

entre o professor e as crianças que os torne amigos, interessados um pelo outro. Avaliar o que significa ser uma criança de seis anos na sua comunidade, na sua ala, na sua família. As vias de comunicação são edificadas sôbre êsse conhecimento e sentimento.

Provàvelmente o aspecto mais importante do bom ensino, é a preparação adequada do professor que lhe permite **olhar para as crianças** enquanto leciona. Grande parte da comunicação se processa pelo olhar, bem como pela voz e pelas palavras. E desde que a comunicação é uma permuta nos dois sentidos, o professor pode captar indícios olhando para o grupo — consegue perceber quando fôr preciso repetir um ponto ou alterar o andamento. Se começam a ficar irrequietas, intercale uma canção, faça-as declamarem uma passagem das Escrituras, ou um exercício de descanso para evitar a confusão total que só um grupo de crianças pequenas é capaz de criar. Um exemplo:

O propósito de uma lição é ajudar as crianças a apreciarem o fato de que os princípios do Evangelho são sempre os mesmos, estejamos vivendo na América ou na Europa; e que se aplicam às nossas vidas individuais quer sejamos polinésios, escandinavos ou outra nacionalidade qualquer.

Já durante os primeiros estágios da preparação da lição o professor habilitado será capaz de imaginar quais as perguntas com que poderá esclarecer êsse conceito. Poderá auxiliar as crianças a sentirem essa universalidade mantendo uma conversa com elas. Por exemplo:

"Um dos princípios do Evangelho é ser gentil para com os outros — familiares, vizinhos e amigos. Algum de vocês se lembra de uma ocasião em que foi atencioso fazendo algo por outra pessoa?"

Se as crianças se mostrarem tímidas e não responderem, o professor poderá exemplificar:

"Anita esta manhã estava aplicando um princípio do Evangelho quando ajudou-me a trazer o quadro de flanela para esta sala. Ser gentil e prestimoso para com os outros é uma das maneiras de seguirmos as pegadas de Jesus."

Com o tempo, a criança acanhada passará a sentir-se à vontade com o grupo e contará suas próprias experiências.

Às vêzes pode acontecer que uma criança que não se sinta integrada e segura faz observações espertas porém irrelevantes durante o transcurso da lição. Se não fôr de todo impossível, deve-se aceitar e relacionar a observação com o assunto em questão, para que a criança receba uma reação positiva e não negativa. No devido tempo ela refletirá antes de falar e tornar-se-á um membro seguro do grupo. O objetivo deverá ser sempre procurar que todos se sintam responsáveis pelo próprio aprendizado e o de seus colegas de classe.

Certa professôra da Escola Dominical discorria acêrca do assunto de seguir as pegadas do Mestre quando um de seus jovens alunos saiu-se com a pergunta:

"Jesus tinha pés grandes?"

A professora aproveitando a pergunta respondeu: "Andar nas pegadas de Jesus significa viver como êle viveu. Êle era um homem perfeito, e assim, suas pegadas ou seja o que fôr que tenha feito, é um grande desafio para cada um de nós. Acho que você se tornará um grande homem porque você tem a vida de Jesus como modêlo para sua própria vida." Pelo fato de a professora ter aceito a pergunta da criança a classe inteira prestou atenção. A professôra aproveitou a pergunta tôda para transmitir um ensinamento.

Entre um domingo e outro transcorre um longo espaço de tempo. Se a criança tiver algo para levar para casa haverá a possibilidade de algum aprendizado incidental durante a semana. Por exemplo, poderia dar-se às crianças uma cópia de um versinho relacionado com a lição, pedindo-lhes que a coloquem no espelho onde costumam pentear o cabelo. Ainda que não saibam ler, o versinho será um lembrete diário da lição dominical.

**Resumo: Como Ensina Você?**

1. Esteja tão bem preparado que possa confiantemente deixar o livro em casa. Mantenha seu olhar sôbre o grupo e esteja atento a indícios para auxiliar o ensino.
2. Se as crianças se mostram interessadas, demore-se um pouco no assunto ou estória. Se estiverem irriquietas, modifique a atividade, introduza uma idéia nova ou planeje um pequeno exercício de descanso.
3. Dê à criança tímida, acanhada a sensação de que ela é importante para você e para o sucesso da lição. Use o nome dela, encarregue-a de uma responsabilidade na qual poderá ser bem sucedida.
4. Aceite seus pequenos alunos como crianças que são, para que a ponte de comunicação entre você e a classe se mantenha livre e desimpedida. Ambas as partes aprenderão o Evangelho.
5. Faça com que seus alunos levem algo para casa. Poderá ser um meio de ensinar diàriamente em vez de apenas aos domingos.

**Avalie Sua Situação Como Professor**

Ao final de cada aula da Escola Dominical, o professor deve avaliar se conseguiu ou não alcançar os objetivos almejados. As crianças realmente aprenderam o princípio do Evangelho ensinado? Como poderá ser medido o resultado da lição?

O interêsse atencioso das crianças durante a aula é um indício seguro.

A disposição das crianças de participarem de um debate de recapitulação mostra ao professor até que ponto as idéias e conceitos se estão tornando parte do modo de pensar dos jovens.

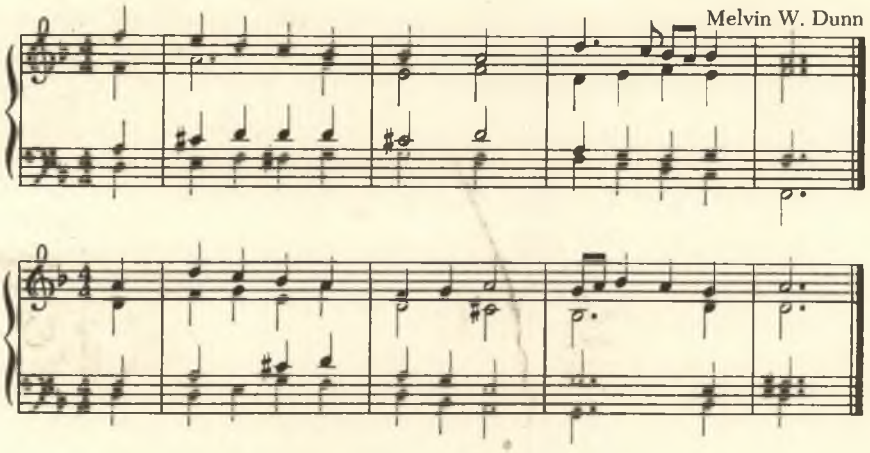
Desenhos feitos pelas crianças sôbre certos aspectos da lição darão ao professor uma idéia do que aprenderam.

Perguntas feitas no domingo seguinte não sòmente servem para verificar o que foi ensinado, mas também reforçarão os conceitos.

Provàvelmente a melhor prova do sucesso de uma lição da Escola Dominical é o professor perguntar a si próprio:

"O que ensinei a êstes jovens e o que aprendí com êles nesta manhã?"

# Acompanhamento ao órgão para as Jóias Sacramentais




## Jóias Sacramentais

### ESCOLA DOMINICAL SÊNIOR

**"... Aquêle que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus."**
**João 3:5**

### ESCOLA DOMINICAL JÚNIOR

**"... irei e cumprirei as órdens do Senhor..."**
**1 Néfi 3:7**

---

(Conclusão da p. 16)

Será que nosso padrão de conduta incorpora as qualidades básicas que nos permitam dizer com convicção aos nossos entes queridos e amigos, e àqueles a quem servimos: "Sigam-me e façam as coisas que me virem fazer."?

Esta é a nossa obrigação, nosso dever e desafio.

Que Deus nos abençoe, irmãos e irmãs, para que possamos ter a fôrça e a coragem de, sob quaisquer condições, viver uma vida exemplar e andar retamente diante do Senhor, dando um bom exemplo a tôda a humanidade, particularmente aos nossos próprios filhos e famíliares, para que o sigam, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

---

(Conclusão da p. 31)

Êste mandamento transcende a sabedoria e a opinião humana, e foi-nos dado pelo Criador, o grande médico do nosso corpo, que o declarou explìcitamente como sendo para a nossa salvação temporal, e proferiu algumas das mais maravilhosas bênçãos que podemos receber neste mundo, com a promessa final de proteção física semelhante à que concedeu aos filhos de Israel quando o anjo destruidor os poupou. Prometeu:

"E todos os santos que se lembrarem e guardarem e fizerem estas coisas, obedecendo aos mandamentos, receberão saúde para o seu umbigo e medulas para os seus ossos; e acharão sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, até mesmo tesouros ocultos; e correrão e não se cansarão, caminharão e não desfalecerão. E eu, o Senhor, lhes faço a promessa de que o anjo destruidor os passará como aos filhos de Israel, e não os matará. Amém."

# Ensino de Como Instruir Sôbre a Feminilidade

**Albert L. Payne**

O jovem rapaz na floricultura era alto, bem-apessoado e definitivamente masculino. Ao esperar, ficou trocando pés, e quando lhe mostraram as flôres para que desse sua aprovação, mostrou-se hesitante quanto ao que devia ser escrito no cartão. O vendedor, impaciente e ansioso por resolver o assunto, fêz diversas sugestões: "Com amor", "Amorosamente" ou "Carinhosamente". O rapaz calmamente rejeitou tôdas elas e finalmente tomou sua decisão. "Por favor, escreva: "Feliz Dia dos Namorados".

Uma jovem secretária, muito capaz, comunicou a seu chefe que iria deixar o emprêgo a fim de acompanhar o marido que pretendia viver numa fazenda. Embora êste estivesse quase terminando sua educação profissional, decidira voltar aos seus projetos de infância. Quando lhe perguntaram o que achava disso, a jovem espôsa explicou que ela e o marido vinham há tempos considerando essa mudança e que ela havia decidido que aquilo que fizesse seu marido feliz, fôsse o que fôsse, faria também a sua felicidade.

Essas duas experiências são profundamente reveladoras acêrca da atitude que êsses jovens tinham para com o próximo, e seria bom examinarmos a origem de uma conduta tão louvável. Que tipo de educação ou experiência levou o jovem a mandar flôres à namorada? O que levou a espôsa a pensar que sua felicidade dependia da felicidade do marido? E, o mais importante, de que forma os adultos podem influenciar o desenvolvimento de tais atitudes?

Os ensinamentos do Evangelho nos têm ajudado a entender a natureza e o valor eternos das pessoas, mas, como sêres humanos, nem sempre somos capazes de transformar êsse conhecimento em atitudes e ações condizentes. Temos tentado diversos métodos de ensino, mas vimos que alguns não são eficientes.

Os motoristas descuidados, por exemplo, geralmente não se tornam cuidadosos, atenciosos e precavidos ainda que vejam um filme sôbre os perigos de dirigir sem obedecer às leis de trânsito. A castidade não é necessàriamente o produto de uma preleção médica, nem mesmo de uma série de aulas na Escola Dominical, num seminário ou na A.M.M. Os jovens podem não captar uma visão de qualquer ideal de uma lição ou lições isoladas. As atitudes são uma coisa tão arraigada e interrelacionada que ensiná-las se torna um processo complicado e demorado.

Um jovem que se lembra de ofertar flôres à namorada geralmente também demonstra consideração e bondade para com o sexo oposto em outras circunstâncias. Pode-se presumir seguramente que êle sabe que as mulheres sentem e pensam de modo diferente sôbre certas coisas; que é o tipo de motorista que respeita as leis de trânsito, a espécie de pedestre que

anda pelas calçadas em lugar de pisar no gramado, o tipo de amigo que se mostra cortês e inofensivo em sua conduta para com terceiros, e que não aprendeu nenhuma dessas coisas por uma única lição ou experiência.

Pode-se concluir também que as espôsas que demonstram consideração para com os desejos e sentimentos de seus maridos e têm a coragem e o amor necessários para apoiar os planos dêles, aprenderam a ser compreensivas e a respeitarem os sentimentos alheios muito antes de se casarem.

De que forma poderão os adultos ensinar os ideais e atitudes que provocarão uma conduta superior nos jovens de ambos os sexos com respeito aos ideais da feminilidade?

Em primeiro lugar, é preciso relacionar êsse ideal a muitas coisas mais; e segundo, proporcionar-lhes experiências diretas de aprendizado.

As atitudes acêrca da feminilidade começam com as primeiras experiências da vida. À medida que cresce, uma jovem acha mais fácil julgar-se feminina se suas experiências também o são. As jovens que costumam fazer tricô, crochê, costurar, cuidar do arranjo de flôres e da casa, e trajar-se caprichosamente; môças que conhecem a influência refinadora da boa música e literatura; que vêem a arte da maternidade exibida em seus próprios lares — essas jovens têm tôda a probabilidade de se desenvolverem sentindo-se femininas e por isso desejam agir e ser tratadas como senhoras. Quando as jovens se tornam cônscias da beleza, harmonia e decôro, e vêem o potencial de incorporarem essas qualidades em suas próprias vidas, elas desejarão, por exemplo, usar roupas bonitas, discretas e adequadas em lugar de coisas simplesmente modernas. Tais jovens paulatinamente começam a sentir algo da glória da feminilidade refinada.

Quando rapazes se mostram rudes, desatenciosos e egoistas — julgando aparentemente que o mundo lhes deve alguma coisa — chega-se a pensar que também acham que a mulher foi criada para o seu prazer pessoal. Uma atitude dessas não pode ser modificada por uma simples lição sôbre a feminilidade. O rapaz que se julga o centro de um universo criado para agradá-lo e servi-lo, geralmente acha difícil imaginar que deve servir e sacrificar-se por outras pessoas.

O jovem que não se importa em ferir ou ofender terceiros encontra dificuldades em aceitar as regras da etiquêta. O rapaz insensível aos valôres morais dificilmente entenderá o lugar na vida de qualquer tipo de ideal. Se os rapazes não foram ensinados a sentirem orgulho de si próprios, da aparência de suas casas e jardins, de roupa bem cuidada, e da impressão que possam causar é pouco provável que se mostrem sensíveis a lições destinadas a modificarem suas atitudes quanto à feminilidade. Por isso, se quizermos ensinar-lhes os ideais da feminilidade, precisamos começar ensinando-lhes muitas outras coisas.

Ensinar êsse ideal não é fácil. Torna-se mais fácil quando os rapazes já aprenderam a sentir orgulho no que fazem — por exemplo, no modo em que cortam a grama, passam o sacramento, fazem as tarefas escolares e participam de passatempos. Devem ter aprendido também a se sentirem cônscios da sua aparência e da impressão que causam, sinceramente gratos pelo que recebem e sensíveis às necessidades e desejos alheios. Em outras palavras, é quase impossível ensinar-lhes os ideais da feminilidade se são fracos e egocêntricos e ainda não aprenderam nada acêrca da obediência aos padrões, de mostrar consideração para com outros e o lugar dos assuntos culturais na vida.

Para que se mostrem receptivos para com os ensinamentos dos ideais da feminilidade, os jovens de ambos os sexos precisam adquirir certo senso de seu próprio valor e o valor dos outros, além de aceitar o propósito elevado e nobre da vida. Têm que aprender auto-disciplina desempenhando bem as coisas que lhes são exigidas e dizendo "não" às tentações. Precisam aprender alguma coisa sôbre o valor das pessoas através da prestação de serviços gratuitos e eficientes. Têm de aprender a ter auto-respeito, o sentimento de dignidade e decência pessoais praticando o auto-domínio. Tôdas essas coisas em conjunto formam o fundamento sôbre os quais os professôres poderão edificar os conceitos e sentimentos acêrca da feminilidade que sejam apropriados e significativos para os jovens.

O ideal da feminilidade é baseado no respeito próprio. E tratando-se de um ideal, torna-se quase impossível encontrar exemplos perfeitos; mas acreditamos que ambos os sexos desejam que a mulher seja a personificação dos elementos delicados, requintados, belos, femininos, gentís, amorosos e espirituais da vida.

O homem que aceita êsse tipo de ideal não se detem a ponderar se a môça ou mulher que lhe bate à porta é digna: êle abre a porta por causa do seu ideal. E a mulher que aceita êsse ideal e tenta viver em harmonia com o mesmo sente-se desapontada quando é tratada pelos homens como se não houvera diferença alguma entre os papéis que lhes foram destinados.

A segunda tarefa ao ensinar sôbre o ideal da feminilidade é proporcionar experiências imediatas de aprendizado. Isto pode ser feito através da observação ou da ação; mas para serem efetivas, tais experiências precisam coadunar-se diretamente com a idade dos alunos. A gente jovem necessita de modelos que possam ver e ouvir. Se forem afortunados, êles dispõem dêsses exemplos no lar e já aprenderam que a feminilidade é gloriosa e digna de respeito. Se os modelos domésticos não são bons, deve-se mostrar aos jovens outros na ala ou ramo. Em ambos os casos, entretanto, os modelos são adultos, e os jovens terão que aprender como adaptar o que vêem e ouvem à situação dêles. Deve-se-lhes dar também uma oportunidade de por em prática êsse ideal. Isto poderá ser feito durante as lições sôbre a feminilidade ou sôbre dotes sociais, como a cortesia, decôro e etiquêta. Durante as aulas e como parte delas, é necessário que haja suficiente encenação, para dar-lhes a prática de desempenho gracioso e apropriado. Após as lições deve haver bastante recapitulação a fim de encorajar os alunos de aplicarem o aprendido em suas próprias vidas.

Finalmente, não se deve apenas ensinar sôbre o ideal da feminilidade aos jovens por preceito e exemplo, mas mostrar-lhes também o relacionamento dêste com os outros valôres importantes de suas vidas. Devem conhecer as desvantagens pessoais que terão se êsse ideal perder-se.

# O Que Devo Fazer?

**Afton W. Hunt**

Está escrito que certa ocasião um indivíduo teve a oportunidade de fazer ao Senhor Jesus Cristo a seguinte pergunta: "O que devo fazer?" A resposta dada a Saulo não foi complicada nem difícil de entender. Foi-lhe ordenado ir a Damasco onde lhe seria mostrado o que deveria fazer. As enormes recompensas da obediência de Saulo a essas simples instruções em sua recém-encontrada fé resultou em serviços imensuráveis a Deus, à humanidade e a si próprio.

O que devemos fazer com nossa vida? Nós que diàriamente enfrentamos crises e frustração no conflito entre pecado e retidão, e cujas famílias precisam ser fortalecidas para um futuro imprevisível. Também nós perguntaríamos: "O que devo fazer?"

Na essência não é esta a pergunta feita pelas mulheres de Nauvoo ao Profeta Joseph Smith quando o consultaram acêrca do desejo de servir melhor a causa do Evangelho? A resposta dêle não foi complicada nem difícil de entender, mas deixou claro o plano de nosso Pai Celestial quanto ao serviço, progresso e propósito da vida de suas filhas. Com uma visão inspirada, êle organizou as irmãs para que seus serviços fôssem combinados com oportunidades para o crescimento mental e espiritual, e que houvesse meios pelos quais pudessem preparar-se para enfrentar os desafios da vida em qualquer idade.

Pela obediência a êsse grande plano, as realizações da Sociedade de Socorro, como organização, ocupam o primeiro lugar entre as organizações femininas do mundo; tanto assim, que aquêles que desconhecem a Sociedade de Socorro e a capacidade de seus membros individuais ativos, mostram-se assombrados quando chegam a conhecê-la.

Será possível que nós que estamos tão próximas e engajadas nesse programa do nosso Pai Celestial, o aceitamos como um privilégio comum e deixamos de associar essa bênção com sua origem inspirada? Será que por nosso intermédio, nossas vizinhas e amigas conhecem as oportunidades oferecidas pela Sociedade de Socorro?

Em tôdas as estacas da Igreja existem, além das que não pertencem à nossa fé, irmãs que ainda não conhecem a influência fortalecedora da Sociedade de Socorro. Estaremos nós utilizando a oportunidade de demonstrar seu poder construtivo em nossas próprias vidas? Costuma-se dizer que a única Bíblia lida por algumas pessoas é o exemplo que observam na vida dos outros. Como irmãs da Sociedade de Socorro, mesmo nossos menores atos são uma voz poderosa para quem observa nossas vidas.

Recentemente contaram-me um caso que evidencia a fôrça da Sociedade de Socorro em elevar padrões e realizações a ponto de influenciar outras pessoas pelo exemplo dado. Certa senhora da Austrália recorreu ao Centro de Informações da Igreja solicitando informações acêrca do chamado "mormonismo". Explicou que não sabia nada sôbre a Igreja mas que tinha uma amiga na Austrália que se "unira aos mórmons" e que também pertencia "à organização feminina dêles". Contou que em muito pouco tempo essa sua amiga se transformara completamente modificando seu ponto de vista sôbre a vida a tal ponto que quase invertera seu modo de agir e atitudes perante as pessoas. E o mais importante, ela agora parecia usufruir de uma felicidade raramente encontrada na vida. A visitante explicou que ao viajar pelos Estados Unidos fizera questão de visitar Salt Lake City a fim de conhecer a verdade acêrca de tal organização.

É alentador saber que os padrões e diretrizes oferecidos às irmãs da Sociedade de Socorro através dos anos são tão aplicáveis hoje em dia, preparando-nos para enfrentar os desafios da vida moderna, como o foram durante tôda a nossa história. Quão gratas não devemos ser por esta magnífica bênção da qual podemos partilhar. Ela nos dá a oportunidade de acender nossa luz espiritual todos os dias de nossa vida, para que em conjunto nos tornemos um farol para aquelas que estão buscando a verdade. Que possamos pautar nossas vidas de tal forma que sejam uma resposta visível a tôda mulher que indaga mentalmente: "Senhor, o que devo fazer?"

# Uma Cara Lição

Gary E. Baugh

Foi minha primeira excursão de caça, e embora eu tivesse apenas dez anos de idade, nunca poderei esquecê-la. A viagem de três horas na sexta-feira, da cidade até as montanhas, pareceu-me interminável. Recordo-me ainda do perfume convidativo da artemísia naquele luminoso dia de outono. O cortante ar das montanhas estava amornado e enriquecido pela luminosidade do sol da tarde e o fulgor do vivo colorido outonal ao longo das silenciosas escarpas dos desfiladeiros.

Naquela noite não consegui conciliar o sono. Numa expectativa quase que incontrolável, minha imaginação e sonhos de rapaz faziam meu sangue fluir mais ligeiro do que o dos soldados no mais aceso dos combates. Pensamentos da excitação de percorrer as matas em companhia de papai e acampar durante a noite no sertão continuavam vívidos. Tive visões infantis de enormes gamos com chifres mais longos do que meus braços abertos, saltando graciosamente sôbre troncos caídos e chaparros, embarafustando através de maciços de pinheiros aveludados. Mil e uma aventuras passaram em corrida vertiginosa por minha mente naquelas poucas horas noturnas.

A manhã de sábado daquela caçada começou gélida às 3h30 da madrugada. O céu ainda totalmente negro, mas minha disposição e energia estavam mais altas do que a enorme árvore à qual prenderamos a tenda. Nunca antes os ovos e presunto souberam melhor; o chocolate quente, nunca tão gostoso.

A manhã passou ligeira. Sentia-me extremamente orgulhoso de papai. Para mim era o maior pai do mundo e o melhor dos caçadores — havia matado duas corças para o nosso grupo muito antes do meio dia.

A excitação daquela manhã memorável fêz com que a tarde parecesse longa e monótona. Isto aliado à noite anterior mal dormida, ao esfôrço despendido durante a primeira parte do dia e ao calor do sol de outono, aumentaram minha inclinação natural para travessuras.

Achava-me a uns 150 metros abaixo e um pouco à frente de papai. Ao sairmos da densa vegetação rasteira para uma clareira aberta, dois agudos estampidos de rifle soaram pelo estreito vale ecoando entre as paredes do desfiladeiro em nossa direção. Cai como morto.

Fiquei ouvindo atentamente enquanto ali deitado, pretensamente morto. Ouvi papai gritar meu nome, mas permaneci imóvel e mudo. Nenhum "cowboy" de televisão poderia ter morrido melhor do que eu. Quando não recebeu nenhuma resposta minha, papai deixou cair sua arma e correu desabaladamente morro abaixo em minha direção.

Quando faltavam uns trinta metros para que me alcançasse, levantei-me de um pulo só, rindo e gozando inocentemente papai como só um garoto insensato poderia fazê-lo. "Ha, ha! Eu estava só fingindo. Consegui enganá-lo, não foi?"

A expressão no rosto de papai traduzia dor, horror e alívio, tudo ao mesmo tempo. No mesmo instante compreendi que fizera mal. Não poderia haver dúvida de quão profundamente eu o atingira. Nunca antes eu havia feito coisa tão cruel. Uma agonia quase física aparecia na expressão de papai. Continuava na minha frente, silencioso e imóvel, sem saber, estou certo, se devia me castigar ou abraçar.

Nunca houve um garoto mais pesaroso, arrependido e amedrontado do que eu naquele instante. Os segundos que ali ficamos estáticos, mudos pareceram não ter fim. Finalmente papai quieta e vagarosamente ajoelhou-se e colocou seus grandes braços em redor dos meus pequenos ombros.

Lancei meus braços em redor do pescoço dêle e comecei a chorar, sussurando repetidamente: "Sinto muito, sinto muito." Naquele momento de completa humilhação e pesar resolvi que nunca mais faria meu pai sofrer tanto por minha causa. Foi uma hora da verdade quando aprendi vividamente a preciosa lição que nunca deve ser esquecida: "Honra a teu pai e tua mãe." Comprometi-me então a sempre respeitar, amar e obedecer-lhes, e a nunca ferí-los ou trazer-lhes desonra devido a imprudência, crueldade, iniquidade ou indolência.

JUVENTUDE DA IGREJA

**Numa época em que a juventude tem de combater constantemente as fôrças da vulgaridade, profanidade, irreverência, amor-livre e outros males — uma jovem estudante desafia suas colegas a serem diferentes nesta sociedade em constante transformação onde...**

# Tão Poucos Ousam!

**Lynda Sue Roper**

**Lembrem-se de quem são e ajam de acôrdo.** Esta admoestação do Presidente McKay é dirigida especialmente à juventude da Igreja, mas aplicável a todos os santos dos últimos dias.

No desempenho de nossas ocupações cotidianas, convivemos frequentemente com pessoas não pertencentes à nossa fé e cujos padrões e valôres na vida são diferentes dos nossos. Muitos membros da Igreja até mesmo não vivem de acôrdo com os ensinamentos do Evangelho.

O Presidente Hugh B. Brown nos diz: "Decidam agora com que tipo de companhia querem estar quando estiverem sòzinhos."

Se escolhermos nossos amigos dentre pessoas que costumam fazer comentários vulgares e usam linguagem profana, logo estaremos adquirindo o mesmo hábito. Em Mateus encontramos: "A bôca fala do que está cheio o coração." (Mateus 12:34) Em outras palavras, geralmente o homem dirá o que pensa. Alguém já disse:

**A irreverência provém de uma cabeça vazia. Tornar-se irreverente é uma coisa estúpida, porque demonstra apenas que não se é capaz de explicar o que se deseja usando as palavras adequadas. Por isso os estúpidos têm que blasfemar ou manter-se calados.**

**Ser o Exemplo**

O Élder Harold B. Lee aconselhou-nos a vivermos de tal modo que o Senhor possa responder **por nosso intermédio** as orações que nossos pais e amigos fazem **por nós.**

O seguinte pensamento transmite exatamente como nós, os santos dos últimos dias, devemos tentar nos conduzir:

**Tanta gente se empenha tanto em ser como todo mundo quando na realidade aquêles que tentam ser puros e bons, o que tão poucos ousam, são os que contam.**

Temos condições de sermos os exemplos, aquêles que estabelecem os padrões de conduta. Podemos ser as pessoas que se destacam na multidão — os poucos que **ousam ser diferentes.**

**Os Pretensos Amigos**

Todos os dias de nossa vida nos defrontamos com decisões importantes. Talvez uma das decisões mais importantes para todos nós é o ponto de vista que devemos adotar quanto às novas e sempre diferentes idéias sôbre a moda e assuntos morais. Também aqui a escolha dos companheiros desempenha um papel importante. Se escolhermos amizades que desejam seguir a turma do amor-livre-para-todos, então logo seremos iguais a essas pretensas "amigas".

O homem é semelhante ao receptor de rádio; êste tem válvulas, e nós também. Possuimos uma

1. **Válvula vá-à-reunião-sacramental**
2. **Válvula pague-seu-dízimo (e contribuição para o fundo de construção)**
3. **Válvula estude-as-Escrituras**
4. **E a maior de tôdas, a válvula mantenha-se-moralmente-pura**

Constantemente irradiamos o que somos e no que estamos nos tornando.

Muita gente hoje em dia gosta de discutir a "nova moral". Mesmo pessoas destacadas em algumas igrejas falam bastante sôbre a chamada "nova-moral". Mas, como se sabe, — **existe sòmente um único padrão de moralidade sexual,** e o Senhor o resumiu quando ordenou: **"Não adulterarás."** (Êxodo 20:14) Poderia também ter dito: "Não fornicarás." Contudo, êle disse que os santos não devem "associar-se com os impuros". (1 Cor. 5:9) Qual é o tipo de companhia que escolhemos?

Na conferência da primavera passada destinada a tôdas as estudantes universitárias da área de Salt Lake e Ogden, realizada no Tabernáculo da Praça do Templo, o Presidente N. Eldon Tanner admoestou-nos a "não sentir remorso e tristeza acêrca do que fizemos nas horas de diversão." Se escolhermos como amigas pessoas de elevados padrões morais, estaremos resguardando nossos próprios padrões elevados e tôdas nossas horas de diversão serão dignas de serem recordadas.

Durante a mesma conferência disseram-nos que uma maneira de conseguirmos auxílio e fôrças para nós mesmas é pedirmos a orientação do Senhor tôdas as manhãs — e depois, não nos esquecendo durante o dia todo de que à noite iremos prestar contas a êle, vivermos de acôrdo.

**Quem Não Namora, Não Casa**

Agora é a hora de decidir quais são os nossos valôres na vida. Depois necessitamos de fé, coragem e perseverança para manter tais valôres.

Destinemos uns instantes para refletirmos sôbre nossas amizades pessoais. Desejaríamos escolher nosso companheiro para tôda a vida dentre elas?

**O tipo de pessoa com quem nos associarmos intimamente e com que mantivermos namôro é a espécie de pessoa com que casaremos.** Se planejo casar-me no templo então devo associar-me a pessoas que desejem o mesmo. Alguém que fuma, bebe, blasfema e é impuro não se modificará da noite para o dia apenas para se casar comigo no templo. O Casamento para a eternidade não significa nada para essa pessoa. E se êste fôr o tipo de amizades que mantenho, então logo também eu perderei de vista o planejado casamento no templo. **Não se pode estar exposto constantemente a más influências sem que estas deixem sua marca em nós.** Alguém afirmou com muita propriedade:

**Nem sempre é possível impedir que uma ave pouse na nossa cabeça. Mas é possível impedir que aí construa um ninho.**

# Conselho ou Mandamento?

**Dr. Lloyd R. Hicken**
Presidente da Missão Brasileira de 1966 a 1969

Observa-se que por vêzes os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos Dos Últimos Dias persistem em considerar a Palavra de Sabedoria, revelada ao Profeta Joseph Smith e que se encontra na Seção 89 de Doutrina e Convênios, não como mandamento mas como conselho do Senhor. Muitos no Brasil, que não têm acesso às várias publicações da Igreja talvez desconheçam a evolução sofrida pela Palavra de Sabedoria, passando de conselho ou expressão da vontade do Senhor para mandamento, cuja observância é exigida de todos os membros fiéis.

Originalmente, disse o Senhor em 27 de fevereiro de 1833: "Para ser enviada como saudação; não por mandamento ou constrangimento, mas por revelação e pela palavra de sabedoria, tornando manifesta a ordem e a vontade de Deus quanto à salvação temporal de todos os santos dos últimos dias — Dada por preceito, com promessa, adaptada à capacidade dos fracos e à dos mais fraco de todos os santos, que são ou que podem ser chamados santos. (D&C 89:2-3)

Claro está que inicialmente não foi dada como mandamento, mas para provar o desejo dos santos de se conformarem à vontade e à ordem de Deus quanto à salvação temporal dos homens. Mas ao mesmo tempo salientou-se que êste princípio estava dentro da capacidade do mais fraco dos santos que se importasse em assim ser chamado.

Pareceria ser um jôgo de palavras dizer que o Senhor não iria esperar que considerassemos como uma obrigação esta revelação ao dizer: "esta é a minha vontade e minha ordem" quando já houvera dito: "vivereis de tôda a palavra que sai da bôca de Deus." (D&C 84:44, veja-se também Mt 4:4)

A 17 de fevereiro de 1834, foi organizado o primeiro Sumo-Conselho da Igreja de Jesus Cristo: "Neste dia, por revelação, um conselho geral de vinte e quatro sumo sacerdotes reuniu-se na casa de Joseph Smith, e procedeu à organização do sumo-conselho da Igreja de Cristo, o qual deveria contar com doze sumo-sacerdotes, e um ou três presidentes, como o caso exigisse. O sumo conselho foi designado por revelação com propósito de resolver as dificuldades sérias que apareces sem na Igreja, as quais não pudessem ser resolvidas pela Igreja ou pelo conselho do bispo a contento dos interessados." (D&C 102:1-2)

A 20 de fevereiro de 1834, durante uma reunião oficial do sumo-conselho foi discutida a questão de se a desobediência à Palavra de Sabedoria era ou não transgressão suficiente para privar um oficial de seu cargo na Igreja, após oficialmente instruido:

"Os conselheiros Samuel H. Smith, Luke S. Johnson e Orson Hyde, John S. Carter, Sylvester Smith e John Johnson, foram chamados a falar sôbre o caso então diante do conselho. Após terem-se pronunciado os conselheiros, o Presidente fez saber a sua decisão: Nenhum oficial desta Igreja é digno de ocupar um cargo após ter sido apropriadamente instruido sôbre a Palavra de Sabedoria e negligenciar obedecê-la. Esta decisão é confirmada por voto."

Seguem-se declarações oficiais por parte dos profetas e presidentes da Igreja:

Disse o Pres. Brigham Young, por volta de 1870:

"Disse aos santos em nossa última conferência: O Espírito murmura a mim para que convoque os santos a observarem a Palavra de Sabedoria, a abandonarem o chá, o café e o tabaco, e a absterem-se de bebidas alcoólicas." (Journal of Discourses, V. 12, p. 118)

Wilford Woodruff, que nesta época era membro do Conselho dos Doze Apóstolos e mais tarde Presidente da Igreja, disse na Conferência Geral, 6 de maio de 1870:

"Fomos chamados pelo Senhor e pelos seus servos para guardarmos a Palavra de Sabedoria, e já é tempo de o fazermos." (Journal of Discourses, V. 14, p. 35.)

Em 1894, o Pres. Wilford Woodruff declarou publicamente: "A Palavra de Sabedoria aplica-se a todos os líderes de Israel tanto quanto aos membros da Igreja, e se houver algum dêsses líderes que não possa abster-se do uso do tabaco e do álcool, violando assim a Palavra de Sabedoria, que resígne e outro tome o seu lugar. Como líderes de Israel, não nos cabe sermos indulgentes com essas coisas." (Millenial Star 56:737)

Numa conferência geral da Igreja, o Pres. Joseph F. Smith declarou aos santos reunidos: "Se apenas observássemos esta lei ou mandamento do Senhor, primeiramente dado não como tal nem por constrangimento, mas depois, declarado ter fôrça de mandamento para os santos dos últimos dias pelos porta-vozes do Senhor; se apenas, digo, o povo observasse os princípios dessa revelação, não haveria de existir esta instituição odiosa que é o botequim." (Citado em Doctrine And Covenants Commentary, Smith & Sjodahl, Deseret Book Co., Salt Lake City, 1954)

Finalmente, o Pres. Heber J. Grant escreveu no órgão oficial da Igreja: "A Palavra de Sabedoria é hoje um mandamento do Senhor para nós, primeiramente foi-nos dada não por constrangimento ou mandamento, mas nos anos seguintes foi-nos dada pelo Profeta Brigham Young e pelo Profeta Joseph F. Smith como mandamento ao seu povo." (The Improvement Era 19:33)

Hoje, desde o tempo do Pres. Brigham Young, a Palavra de Sabedoria é um mandamento cuja observância é exigida de todo membro da Igreja. Um investigador da Igreja não pode ser batizado sem que preste obediência a esta lei. Um homem ou um jovem não poderá progredir no sacerdócio sem obedecê-la. Nenhum santo dos últimos dias poderá entrar no templo sem observá-la.

(Conclui na p. 24)

# O Preço das Lições que Recusamos a Aprender

**Richard L. Evans**
do Conselho dos Doze

A **vida é boa — se permitirmos que o seja.** Às vêzes é difícil também. Ninguém jamais afirmou que não o seria. O Pai de todos nós certamente não o afirmou. Mas como Pai amoroso, deu-nos conselhos e advertências, e tem-nos "admoestado seguidamente" segundo suas próprias palavras. De certa forma, êle nos diz: Não encham suas vidas com coisas que certamente danificam a mente, afligem o espírito, que sem dúvida destróem a saúde e a paz, e embaraçam e inquietam a consciência, e causam complexos problemas pessoais. Algumas coisas são boas para o homem, outras não. Isto é verdade moral, física e espiritualmente. E no entanto, com tôda a experiência de séculos, e todos os conselhos que Deus nos deu, ficamos repetindo muitos dos mesmos erros — em certo sentido, batendo a cabeça contra a parede, talvez admirados de que esta não se mova enquanto a cabeça nos dói. Afinal acaba sendo uma questão de atender ao conselho, aprender os mandamentos e guardá-los. "...Será de inestimável valor a hora em que encararmos a verdade, pois é uma das mais importantes verdades, de que ninguém é livre no sentido em que a mente estouvada entende liberdade", escreveu Lida Churchill. É certo de que temos liberdade de escolha, mas não estamos livres das conseqüências provenientes da escolha feita. Não estamos livres do domínio da lei. "Ser enganado pelos inimigos ou atraiçoado pelos amigos é insuportável," disse um filósofo francês; "no entanto iludir-se a si próprio é pior..." O Criador sabe o que trará felicidade ou sofrimento ao homem, e não devemos enganar-nos a nós mesmos de que podemos fazer algo que não é bom para os outros ou para nós pessoalmente, sem pagar o devido preço. "Há uma lei..." — uma lei de saúde, uma lei de felicidade, uma lei de paz e progresso — "na qual se baseiam tôdas as bênçãos," (D&C 130:20) e não podemos, sem perigo, pôr de lado o que tem sido testado e provado vêzes sem conta no passado, sem pagar um preço pessoal por tôda lição que nos recusarmos a aprender.